

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL: INTERVENÇÕES
SISTÊMICAS EM DIFERENTES CONTEXTOS: PSICOTERAPIA E ORIENTAÇÃO**

Maria Fernanda Villa Nova Teixeira da Costa

**CUIDANDO DO POVO DO PÃO: ORGANIZANDO UM ESPAÇO
CONVERSACIONAL COLABORATIVO-DIALÓGICO ENTRE PARTICIPANTES
DE UM PROJETO SOCIAL NO CENTRO DE SÃO PAULO**

São Paulo - SP

2023

Maria Fernanda Villa Nova Teixeira da Costa

**CUIDANDO DO POVO DO PÃO: ORGANIZANDO UM ESPAÇO
CONVERSACIONAL COLABORATIVO-DIALÓGICO ENTRE PARTICIPANTES
DE UM PROJETO SOCIAL NO CENTRO DE SÃO PAULO**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Orientação Familiar e de Casal sob orientação da Profa. Dra. Marilene Grandesso

São Paulo - SP

2023

Aos queridos amigos do Pão do Povo da Rua
que me ajudam a ter esperança todos os dias

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ricardo Frugoli, pela confiança e trocas inestimáveis na realização deste trabalho e além.

Ao Ricardo Luiz de Oliveira Mendes, que abraçou este projeto e a mim com todo carinho e fez acontecer.

A toda equipe do Pão do Povo da Rua, pelos ensinamentos, camaradagem e comprometimento conosco e consigo mesmos.

A Profa. Dra. Marilene Grandesso, orientadora e mestra de colaboração, pela sabedoria no conhecimento e na vida, pela precisão, paciência infinita, cuidado e dedicação inestimáveis.

A Marlete Bonfim Lima, pelo entusiasmo com que abraçou a causa, pelo mergulho na parceria e a convivência na alegria.

A todos os professores e colegas do curso de Terapia Familiar da PUC-SP que deixaram muitas saudades e aprendizagem sistêmica.

Aos meus pais, Cacilda e Roberto, toda minha família e amigos pela torcida incondicional.

A minha filha Maria Luísa, também conhecida como Regi, que foi estagiar no Pão do Povo da Rua e abriu um caminho de acolhimento e ternura para este trabalho.

Ao meu filho Gabriel, companheiro de Psicologia, por nossos papos e provocações inspiradoras.

Ao José Onto, marido e cúmplice, pelo apoio e amor transbordantes.

*Por isso eu canto a minha vida com orgulho
Com melodia, alegria e barulho
Eu sou feliz e rodo pelo mundo
Eu sou correria, mas também sou vagabundo
Mas hoje dou valor de verdade pra minha saúde,
Pra minha liberdade*

Charlie Brown Jr.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi criar um lugar de encontro, acolhimento e reflexão do grupo de colaboradores do projeto social Pão do Povo da Rua, bem como promover vínculos, ações colaborativas e de diálogo entre os participantes com o sentido de ampliar a consciência e autonomia da equipe. Para atingir este objetivo, foi realizado um encontro inaugural de aquecimento e fortalecimento das conexões grupais, 5 encontros conversacionais semanais seguindo a metodologia da Terapia Comunitária Integrativa (rodas de TCI) ao final dos quais os participantes foram entrevistados individualmente sobre sua experiência. Os encontros foram realizados nos meses de abril e maio de 2023 na sede do projeto e contaram com a presença de seus colaboradores, em média 15 pessoas. O Pão do Povo da Rua é um projeto social que produz e distribui gratuitamente 3.000 pães e bolos por dia no centro de São Paulo, preparados por pessoas que saíram de situação de rua e ingressaram neste programa de capacitação em panificação. Todos os encontros foram gravados e transcritos. Os encontros de TCI foram registrados seguindo os indicadores presentes na metodologia desenvolvida para as TCIs na Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), e as entrevistas com participantes analisadas à luz da poética-social de John Shotter. Nas rodas, os temas de sofrimento da comunidade que apareceram de forma mais frequente foram impotência e ansiedade, e quando levantamos as estratégias de enfrentamento, em primeiro lugar aparecem religiosidade e espiritualidade. Foram encontrados 6 temas para os momentos marcantes que apareceram nas entrevistas individuais: Reconhecer a importância dos acordos conversacionais; Enxergar o outro e fortalecer os vínculos interpessoais; Expressar-se, mudar a visão de si mesmo e se aceitar; Criar um espaço plural de acolhimento e colaboração onde um pode aprender com o outro; Apreciar a leveza, o lúdico e o trabalho com o corpo; Mudar na política institucional e relacional. Estes resultados demonstram que a metodologia da TCI foi adequada para o objetivo proposto, tendo sido nosso objetivo atingido. E mostram como a metodologia pode ser útil para organizações e equipes, bem como para comunidades abertas.

Palavras-chave: Diálogo, Colaboração, Construcionismo Social, Terapia Comunitária Integrativa, Investigação Apreciativa, Equipe, Biologia Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Marilene A. Grandesso

ABSTRACT

The objective of this study was to create a welcoming space for encounter and reflection for the group of collaborators of the social project Pão do Povo da Rua, as well as to promote bonds, collaborative action and dialogue among the participants with the purpose of expanding team awareness and autonomy. To achieve this goal, an inaugural meeting was held to warm up and strengthen group connections, 5 weekly conversational meetings following the methodology of Integrative Community Therapy (ICT circles) at the end of which the participants were interviewed individually about their experience. The meetings were held in April and May 2023 at the project's headquarters and were attended by its employees, on average 15 people. Pão do Povo da Rua is a social project that produces and distributes 3,000 loaves of bread and cakes a day, free of charge in downtown São Paulo, prepared by people who have left the streets and joined this baking training program. All meetings were recorded and transcribed. The ICT meetings were registered by the methodology developed at Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), and the interviews with participants were analyzed in the light of John Shotter's social poetics. In the circles, the themes of suffering of the community that appeared most frequently were impotence and anxiety, and when we raise the coping strategies, religiosity and spirituality appear first. We found 6 themes for the moving moments that appeared in the individual interviews: Recognize the importance of conversational agreements; See the other and strengthen interpersonal bonds; Express, change your view and accept yourself; Create a plural space of welcoming and collaboration where one learn from the other; Appreciate the lightness, playfulness and work with the body; Change in institutional and relational politics. These results demonstrate that the ICT methodology was adequate for the proposed objective, and that our objective was achieved. And they show how the methodology can be useful for organizations and teams, as well as for open communities.

Keywords: Dialogue, Collaboration, Social Constructionism, Integrative Community Therapy, Appreciative Inquiry, Teams, Cultural Biology

Supervisor: PhD. Marilene A. Grandesso

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Migração para a rua	11
1.2	Fome	11
1.3	Cracolândia	11
1.4	Dependência química	12
1.5	Estágio motivacional	13
1.6	O Pão do Povo	13
1.7	Como conheci o “Pão”	14
1.8	Pedido de ajuda	14
1.9	Quem é a equipe	15
1.10	Por que trabalhar com a equipe	15
1.11	Nossa proposta	15
1.12	Por que TCI?	16
2	JUSTIFICATIVA	19
2.1	Por que este trabalho	19
3	OBJETIVOS	20
3.1	Geral	20
3.2	Específicos	20
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
4.1	Para a leitura do mundo	21
4.2	Habitar Humano	21
4.3	Investigação Apreciativa	21
4.4	Terapia Comunitária Integrativa	22
4.5	Terapia Narrativa	22
4.6	Inteligência Coletiva	23
5	METODOLOGIA DA PESQUISA	24
5.1	Tipo do estudo	24
5.2	Participantes	24
5.3	Procedimento	24
5.4	Funcionamento das rodas de TCI	25
5.5	Análise do <i>corpus</i> da pesquisa	27
6	RESULTADOS DA PESQUISA	29
6.1	Processamento do encontro de aquecimento e conexão	29
6.2	TCI: Processamento dos temas	33

6.3	TCI: Processamento dos momentos marcantes das rodas	36
6.4	TCI: Processamento da conversa desenvolvida na roda	39
6.5	Depoimento da facilitadora terapeuta comunitária	41
6.6	Depoimentos dos participantes	41
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
8	REFERÊNCIAS	52
9	ANEXOS	56
	ANEXO I Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	56
	ANEXO II Registro das Rodas de TCI	57

1 INTRODUÇÃO

O contexto no qual se desenvolve este trabalho enfoca a situação de pessoas em situação de rua vulneráveis à fome e ao uso de drogas no centro da Cidade de São Paulo a partir da pandemia do COVID em 2020.

1.1 MIGRAÇÃO PARA A RUA

De acordo com o censo municipal, população em situação de rua aumentou 31% entre 2019 e 2021 e mais 13% nos primeiros cinco meses de 2022. Isso significa que pelo menos 42 mil pessoas dormiam nas calçadas e nos albergues da cidade em junho de 2022. O levantamento foi feito por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com base nos dados do Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico) (Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua, 2023).

A cada cem pessoas nessa situação, dezoito disseram aos pesquisadores que estavam nas ruas havia menos de um ano: em sua maioria, esse novo contingente de sem-teto era composto por pessoas que não puderam resistir à escalada do desemprego, à ausência de políticas públicas e à explosão dos preços dos alimentos após dois anos de pandemia.

1.2 FOME

Em 2022, mais da metade da população do país, ou seja, 125 milhões de brasileiros sobreviviam sem ter acesso pleno e permanente a alimentos. Desses, 33 milhões, ou seja, 15%, passavam fome. Neste período, apenas 28% da população brasileira tinha segurança de fazer 3 refeições por dia. (VANNUCHI, 2022)

No estado de São Paulo havia quase 7 milhões (LOPES, 2022) passando fome e na cidade este quadro foi perceptível pelo aumento da procura por comida inclusive em UBS's. Segundo Gomes (2022), Padre Júlio Lancellotti tem sido o principal porta-voz do povo da rua há quase três décadas e afirma que o número cada vez maior de pessoas que vêm para comer, mesmo não estando em situação de rua, é notável.

1.3 CRACOLÂNDIA

Na Cracolândia existem diferentes perfis de frequentadores: lá moram pessoas que não usam crack, que usam de maneira esporádica e até de maneira abusiva (COLLIER, 2020); algumas estão fugindo de problemas com a lei ou com parentes, outras estão envolvidas com o comércio ilegal de drogas, há pessoas com questões de saúde mental, ex-presidiários e sem-teto que não usam crack. Diferentes perfis implicam também em diferentes modos de interação com o espaço.

Segundo Collier (2020), as ações do poder público nesse local sempre atenderam aos interesses do capital, da burguesia e do mercado imobiliário, priorizando soluções urbanísticas em detrimento das necessidades de saúde e assistência daquela população vulnerável da classe trabalhadora. Assim, o poder público age com uma lógica higienista, que visa “acabar com a Cracolândia” removendo as pessoas daquele espaço, sem considerar que a Cracolândia e o consumo de crack são fenômenos que transcendem a esfera médica e sanitária e estão relacionados a processos sociais e políticos mais complexos.

Organizações que fazem ações sociais na área advogam (MELLO, 2017) que a crença de que existem pessoas possuídas, vagando pelas ruas e capazes de cometer qualquer barbaridade é o maior obstáculo na luta pela dignidade dessa população em situação de vulnerabilidade. Dentre elas, podemos citar:

O Centro de Convivência **É de Lei**, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua desde 1998 na promoção da redução de riscos e danos, sociais e à saúde, associados à política de drogas.

O **Instituto Adesaf**, organização da sociedade civil, fundada há 22 anos, que realiza diversos projetos com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A **Craco Resiste**, um coletivo que foi constituído no final de 2016 para se contrapor a violência policial na Cracolândia da Luz, e que a partir de uma discussão com militantes e usuários, iniciou uma vigília na área com atividades de lazer e de cultura.

Essas entidades entendem (BOCCHINI, 2023) que as iniciativas da prefeitura e do governo estadual de São Paulo além de não funcionarem, ainda por cima recebem regularmente acusações de violações de direitos humanos.

1.4 DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Segundo Lovadini (2023), a dependência química é um fator que destrói progressivamente a rede de apoio social e afetiva dos usuários de drogas. Ao longo dos anos, eles perdem as oportunidades de estudo, trabalho, família e amizade, e se envolvem em situações de risco, como crimes e prostituição. Quando decidem se internar para se tratar, muitas dessas pessoas enfrentam dificuldades para se reintegrar à sociedade. Sem ter onde morar, sem ter uma renda e sem ter um novo círculo social, eles acabam voltando aos mesmos ambientes que favorecem o consumo de drogas e a recaída.

Para apoiar o processo de reintegração social (LOVADINI, 2023) é preciso criar condições de restauração de vínculos familiares, possibilidades de educação e qualificação

profissional, acesso a empregos e a uma renda adequada. Tudo isso ao mesmo tempo em que se continuam os tratamentos médicos e psicológicos.

1.5 ESTÁGIO MOTIVACIONAL

Em pesquisa de 2019 do Lecuca¹, (MADRUGA *et al.*, 2020) São Paulo apresentou aumento nos índices de frequentadores/as que demonstram estar altamente motivados para interromper o uso de crack (estágio de planejamento ou de ação) referindo a pontuação máxima da escala, que indica: “eu realmente quero parar e pretendo buscar ajuda quanto ao meu uso de crack agora”¹.

“Nossos achados apontam a importância do acesso amplo e imediato a diferentes modalidades de assistência e tratamento, para que essas janelas de oportunidade sejam mais bem utilizadas”, avalia a pesquisadora (MADRUGA *et al.*, 2020). A coordenadora da pesquisa afirma que os indicadores e parâmetros apresentados no Lecuca mostram a demanda por melhorias em diferentes áreas do cuidado de populações em cenas de uso, assim como a necessidade de que ações de prevenção primária e secundária sejam realizadas fora das cenas de uso para diminuir o ingresso de novos/as frequentadores/as.

1.6 O PÃO DO POVO

Em artigo da Revista Piauí (BRAGA, 2023, p.11) é contado o início da história:

Nos primeiros dias da pandemia, em março de 2020, Ricardo Frugoli ficava perplexo com o tanto de gente que vagava faminta pelas ruas de São Paulo. Formado em gastronomia e pesquisador da culinária brasileira, começou a preparar marmitas para deixar nos postes de sua vizinhança. Com ajuda do marido, o fisioterapeuta Wesley Vidal, ele coletou doações pela internet e, pouco a pouco, aumentou o número de quentinhas distribuídas. Os vizinhos reclamaram que eles estavam usando todo o gás encanado do prédio. O casal ocupou então a cozinha da Casa de Oração do Povo da Rua, o projeto social liderado pelo padre Júlio Lancellotti. Com a colaboração de pessoas e empresas parceiras, conseguiram alugar o espaço na Luz e, depois, um prédio residencial com três apartamentos para abrigar os dependentes químicos que chegavam dispostos a se reabilitar trabalhando como cozinheiros.

Três anos depois, o Pão do Povo da Rua produz diariamente 3.000 pães e bolos destinados à distribuição gratuita no centro de São Paulo. Esses pães e bolos são produzidos por pessoas que estavam em situação de rua e que, acolhidas pelo projeto, ingressaram no programa de capacitação em panificação, recebendo bolsa-auxílio e infraestrutura de alojamento, acompanhamento médico, odontológico, psicológico e de assistência social, para que pudessem reestruturar a própria vida e reinserir-se no mercado de trabalho.

¹ LECUCA – Levantamento de Cenas de Uso em Capitais. A Unidade de Pesquisa em álcool e Drogas (UNIAD) foi fundada em 1994 com o apoio do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP.

O Pão do Povo da Rua, começando pela alimentação digna, tem intenção de contribuir para a ressignificação de vidas a partir da promoção de oportunidades de emprego e capacitação, auxiliando pessoas a deixarem a situação de rua e a extrema vulnerabilidade social.

1.7 COMO CONHECI O “PÃO”

Entrei em contato com O Pão do Povo da Rua em junho de 2022 por meio da minha filha, conhecida como Regi. Ela estudava gastronomia e para concluir o curso precisava de horas de prática. Ricardo Frugoli, idealizador do projeto, foi extremamente aberto, carinhoso e disposto a acolher a estagiária que é também autista, com tudo que isso implica. Para facilitar sua integração, pediu que eu a acompanhasse na primeira entrevista. Ficamos encantadas com o trabalho. O estágio foi muito bem-sucedido e no final me aproximei muito de toda a equipe.

1.8 PEDIDO DE AJUDA

Nas interações que se seguiram entre mim e as lideranças do projeto, foram surgindo conversas e pedidos de ajuda: precisamos de terapia, precisamos nos organizar, precisamos de limites.

Por tratar-se de uma organização jovem, as estruturas e processos são bastante dinâmicos no Pão do Povo da Rua. Na gestão dessa instituição, percebe-se uma transição da **fase pioneira** (MOGGI; BURKHARD, 2005) - onde processos não estão descritos nem padronizados, todo mundo faz de tudo um pouco e as funções surgem à medida que as pessoas fazem as tarefas - para a **fase de diferenciação**, quando há a busca pela competência organizacional e por profissionalização, se explicitam os processos e formaliza-se o que antes era empírico. O foco passa a ser a otimização do funcionamento da organização.

Indícios desta transição estão presentes nas histórias da instituição que vão sendo contadas a respeito da trajetória vivida nesse tempo. Do desconhecimento do público, das necessidades jamais imaginadas e da complexidade que significa prover aconchego, roupa, abrigo, trabalho e capacitação. Questões de toda ordem vêm à tona, desde o uso do banheiro, respeitar limites e regras, respeito por si e pelo outro, até diretos e deveres de cidadão. Em termos de organização, hoje o projeto conta com um gestor, o Ricardo Mendes, que era morador de rua e usuário, se reabilitou e hoje cuida da coordenação geral, Elaine Vargas e Cláudia Lopes assistentes sociais contratadas em 2023, que também fazem a função de RH, Sr. Francisco, que entrou como motorista e hoje cuida da produção e 13 acolhidos, que trabalham na panificação.

1.9 QUEM É A EQUIPE

Hoje o projeto conta com 13 funcionários de panificação. São 3 mulheres e 10 homens, sendo o mais novo de 21 anos e o mais velho de 52. Alguns já foram presos e a grande maioria estava em situação de rua e de dependência química na Cracolândia. Todos são registrados, com carteira assinada. Trabalham de 2^a a 6^a feira das 08h00 às 17h00.

Abaixo, apresento alguns depoimentos e narrativas pessoais obtidos em publicações do site Pão do Povo da Rua (www.paodopovodarua.com.br) que caracterizam este público:

Bruno (32) ganhou uma bolsa de estudos em um curso que ele sonhava há tempos: Análise e Desenvolvimento de Sistemas. A bolsa integral foi ofertada pela Faculdade Oswaldo Cruz.

William (29) voltou a estudar depois de anos fora das salas de aulas. Ele pretende concluir o ensino fundamental e médio e, assim, poder prestar vestibular. O Will sonha em fazer Educação Física e poder trabalhar com uma das coisas que ele mais gosta: exercícios e treinamento físicos. Correu na São Silvestre de 2021 e 2022.

Cristóvão (40) morava na rua até pouco tempo atrás. Foi acolhido pelo projeto e diz: “tenho uma moradia, coisa que não tinha, tenho uma roupa limpa, tenho uma alimentação, sou muito grato. Tenho emprego, recebo um salário digno.”

Na Corrida de São Silvestre de dezembro de 2022, 5 aprendizes do projeto participaram.

1.10 POR QUE TRABALHAR COM A EQUIPE

Segundo (HAAN, RIEDL & WOOLLEY, 2021), as equipes oferecem a possibilidade de atingir objetivos que os indivíduos não conseguem atingir sozinhos, alcançando sinergia na combinação de habilidades e esforços de cada membro.

Em se tratando do Pão do Povo, a comunicação é o principal veículo para realizar a coordenação necessária para tornar a sinergia possível. As pessoas que fazem parte desta comunidade precisam compartilhar seus conhecimentos e habilidades únicas e integrar conjuntamente essas contribuições para a resolução colaborativa de problemas. Para isso, o recurso de conversas em grupo pode ser proposto com o propósito de aprimorar as habilidades dos membros da equipe e melhorar a coordenação das tarefas, configurando-se em um bom preditor de inteligência coletiva.

A complexidade das relações que se estabelece nesta comunidade de pessoas que vivem e trabalham juntas e trazem na bagagem histórias de abandono, alienação e abuso de drogas pede por processos colaborativos de integração comunitária.

1.11 NOSSA PROPOSTA

Assim, atendendo ao pedido da direção, propusemos criar um espaço de conversação e reflexão em grupo que pudesse envolver todos os participantes da instituição, de modo a promover um senso de coletividade e relações colaborativas em prol dos propósitos comuns.

Entendemos que a Terapia Comunitária Integrativa – TCI (BARRETO, 2008) é uma metodologia adequada para tal porque segundo Andrade (2022) cria o senso de corresponsabilidade numa equipe (especialmente quando as decisões são muito hierarquizadas) e permite sair da verticalidade das relações para a horizontalidade.

Algumas perguntas surgiram como norteadoras de nossa proposta: Como criar um espaço horizontal de conversação onde seja possível a escuta, a troca de experiências significativas e a construção de vínculos duradouros e de confiança? De que forma essas conversas poderiam ser transformadoras para a comunidade? Como esta comunidade de trabalho e convivência poderia se beneficiar de conversas colaborativas? Zenger e Folkman (2013) citando Peter Drucker: “Como criar um alinhamento de forças tão poderoso que torne as fraquezas insignificantes?”

Diante do que pudemos observar no projeto O Pão do Povo da Rua, entendemos que é útil construir um espaço de conversação que possa favorecer o diálogo e a troca colaborativa, focada nas competências da equipe, na medida em que se trata de um projeto que capacita não só para o trabalho, mas também para a vida.

1.12 POR QUE TCI?

Segundo Andrade (2022) A TCI é uma forma de valorizar o que cada um pode oferecer e superar a lógica que privilegia alguns detentores de informação para a construção e compartilhamento de conhecimento. Os que dominam e os que são dominados, os que escolhem e os que não escolhem. No compartilhamento horizontal de conhecimento, o resultado das interações potencializa a experiência individual, e o grupo é capaz de gerar a inteligência coletiva.

Para Grandesso (2015), as TCIs permitem conversas produtivas em contextos comunitários e formulam uma metodologia que aproveita significados compartilhados e experiências bem-sucedidas para organizar um diálogo no qual as vozes dos membros da comunidade se unem para orquestrar um espaço de conversas transformadoras.

Além disso, encontramos profundas coincidências entre os sistemas de crenças da organização e dos fundadores e facilitadores de TCI. Para Grandesso (2020) as TCIs surgiram na complexidade de contextos desafiantes onde imperava a pobreza, tentando encontrar respostas e possibilidades de ação às exigências de cada momento e fortalecer o senso de agência e empoderamento das comunidades.

Em recente artigo na revista Piauí, (BRAGA, 2023), um acolhido, de nome William dos Santos, deu o seguinte depoimento:

Enquanto eu estava na onda, nada importava. Mas uma hora a pedra acaba e de madrugada faz um frio horrível. Eu olhava para o pessoal do meu lado, com os machucados cheios de bicho, e pensava que aquela era a última página do livro. Não tinha mais história para ser contada ali (SANTOS, in BRAGA, 2023, p.11),

William dos Santos foi acolhido do Pão do Povo da Rua sob a condição de largar o crack. Começou a trabalhar no projeto social como lavador de louça, recebendo o salário inicial de 600 reais, e hoje ganha 1,7 mil reais e de noite faz o supletivo. Correu a São Silvestre em 2021 e 2022. William diz: “Minha vida virou essa loucura.”

Ainda segundo Grandesso (2015b): “O sofrimento, em todas as suas facetas, tende a afastar os sofrendores; coloca-os à margem da vida social e reduz e enfraquece tanto os vínculos entre as pessoas quanto as possibilidades de intercâmbio e aprendizado colaborativo e de ajuda mútua.” (GRANDESSO, 2015b, p. 35) Assim, conversações comunitárias organizadas de acordo com a metodologia da TCI, apresentam-se pertinentes e relevantes para o nosso caso. “Em resposta ao sofrimento, as TCI's propõem a inclusão de cada participante em um espaço coletivo onde as conexões orgânicas, muitas vezes negligenciadas, podem desencadear um processo colaborativo que tece novos significados e possibilidades conjuntas por meio da linguagem.” (GRANDESSO, 2015b, p. 35)

O embrião deste espaço coletivo de acolhimento já existe no Pão do Povo da Rua e está na natureza mesma do projeto e seu propósito de reinserir as pessoas na sociedade. Nesta mesma realidade complexa, “essa loucura” tem um preço: Ricardo Frugoli esteve afastado por Síndrome do Burnout. Pessoas entram e saem do projeto, há recaídas e tentativas de influência sobre os colegas para voltar a usar drogas e uma série de questões relacionais que eles descrevem como “um B.O. por dia”. Acreditamos que fortalecer os vínculos entre os membros do projeto pode fortalecer o sentido de equipe, a colaboração para uma causa comum e, quem sabe, uma maior permanência na instituição. Em outras palavras, uma ação grupal colaborativa se justifica na medida em que propicia uma evolução do estado atual dos vínculos, muito concentrados nas figuras da liderança formal, para uma maior autonomia grupal, de forma a fortalecer o senso de agência, empoderamento e horizontalidade das relações.

Além disso, na medida em que estão focados no fazer, estão olhando para frente e não sobra muita energia para olhar para os lados. Quem são meus companheiros de jornada? Como eles estão? Na instituição há pouco espaço para escutar, trocar e cuidar uns dos outros. Conforme acontece quando as relações são exclusivamente focadas no indivíduo, não se trabalha preventivamente nas questões, só se lida com elas quando “dá B.O.”. Acreditamos que apreciar, valorizar e aprender com as experiências de todos será muito útil para a comunidade,

deixando o foco no individual para reforçar a construção de uma equipe colaborativa que possa fortalecer e trabalhar no que é importante, antes que algum problema se torne uma emergência.

Uma ação colaborativa-dialógica será uma oportunidade para criar espaços de “pausa”, reflexão e aprendizagem grupal. Paradoxalmente, cuidar uns dos outros implica também em cuidar de si mesmo. E tempo para conversar sobre a vivência de cada um pode ser uma forma de cuidado essencial. Poder conversar não apenas sobre “o que fazemos”, mas sobre “como fazemos o que fazemos”, refletir sobre nossos modos de convivência e como podemos evoluir para modelos mais saudáveis, oferece uma perspectiva para transformações significativas.

Ademais, no caso específico desta comunidade, na medida que articulam seus saberes, podem desenvolver estratégias para lidar com as questões típicas com as quais se envolvem quando acolhem novos integrantes, enfrentam a tentação da recaída, a indisciplina, falta de vontade de trabalhar, dificuldade com limites, sentimentos destrutivos, conflitos, brigas, relacionamentos abusivos com a família etc.

2 JUSTIFICATIVA

2.1 POR QUE ESTE TRABALHO

Entendemos que este trabalho pode ser útil para a comunidade de facilitadores de TCI na medida que expande a experiência para um público específico. Também para consultores organizacionais buscando ferramentas e abordagens eficazes para integração de equipes, e finalmente para gestores de projetos sociais em geral, que muitas vezes têm necessidade de criar espaços de reflexão e integração com suas equipes e não sabem como.

Entendemos também que este trabalho se justifica na medida que contribui para fortalecer e dar visibilidade a uma iniciativa nobre, corajosa e inovadora que resultou num projeto social restaurativo que pode expandir seu impacto no centro, para a cidade de São Paulo e outras regiões. Na medida em que vivemos hoje um cenário de complexidade extrema, a ampliação de possibilidades relacionais, educacionais e de emprego para regiões metropolitanas é imperativa.

Como coloca Rasesa et.al (2016), decisões que tomamos sobre os temas e os problemas que os originam são, no fundo, escolhas políticas. Com a nossa escolha por este tema, queremos contribuir para dar visibilidade a esse projeto e de alguma forma influenciar no aumento da participação de comunidades como o Pão do Povo da Rua na vida cidadã e na relevância destas iniciativas para elaboração de políticas públicas.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Organizar um espaço conversacional colaborativo-dialógico da comunidade do “Pão do Povo da Rua” com as pessoas que fazem parte do projeto, a saber: o gestor e sua equipe de acolhidos.

Fomentar a prática do espaço conversacional como lugar de encontro, escuta, acolhimento e reflexão do grupo, com o sentido de ampliar a consciência e autonomia da equipe.

Promover vínculos e ações colaborativas e de diálogo entre os participantes do Pão do Povo da Rua, fomentando o sentido de agência e cidadania.

3.2 ESPECÍFICOS

Abrir um espaço onde seja possível ouvir a si mesmo e aos outros, ressignificando vivências, conquistas, potencialidades e sofrimentos; desenvolver a escuta generosa, o respeito e o olhar apreciativo;

Reforçar a autoestima dos participantes, fortalecendo a rede de apoio e otimizando os recursos disponíveis da comunidade;

Contribuir para o estreitamento dos laços sociais da comunidade do projeto “Pão do Povo da Rua”;

Atuar como prática estruturante da comunidade, auxiliando no aprendizado de cursos profissionalizantes e autodesenvolvimento dos participantes;

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 44).

Este trabalho teve alguns norteadores teóricos:

4.1 PARA A LEITURA DO MUNDO

Nos pautamos em Paulo Freire, enquanto uma ação dialógica e política. Ele fala que a tarefa de todo ser humano é ser mais, é se humanizar, é se tornar senhor de si, autônomo, consciente, sujeito da história. Portanto, é através do diálogo que se restabelece o direito do ser humano pronunciar o mundo, transformá-lo e se humanizar. (FREIRE, 1996, 1987, FURIM; CASTORINO; SELUCHINESK, 2019).

4.2 HABITAR HUMANO

Integramos Humberto Maturana e seu trabalho sobre o amar e brincar, com Gerda Verden-Zöllner (MATURANA; ZÖLLER, 2004) que analisa os aspectos afetivos e lúdicos da natureza humana. Eles mostram como a cultura patriarcal europeia (que influenciou a nossa formação na América) excluiu a brincadeira como algo natural para nós e nos conduziu a um cenário de autoridade, opressão, competição destrutiva, desvalorização da diversidade biológica e cultural e falta de compreensão dos direitos humanos. Depois, também agregamos suas reflexões com Ximena Dávila (MATURANA; DÁVILA, 2009) que exploram a legitimidade do outro nas relações democráticas e são enfáticos em apontar que se não nos escutarmos e não nos encontrarmos no mútuo respeito, na honestidade e na colaboração, que é a convivência democrática, “não geraremos mudança alguma orientada para o bem-estar da humanidade, sem pandemia viral ou com ela, iremos direto à nossa extinção” (MATURANA, in RIOS, 2021, p.1)

4.3 INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA

Cooperrider e Whitney (2006) nos ensinam, por meio da Investigação Apreciativa (IA), que ao focarmos no positivo, o negativo perde força. Apreciar, portanto, é uma abordagem e um processo que invertem a lógica tradicional de resolução de problemas. Ao invés de identificar o que não está funcionando, o foco da IA reside em enxergar e atuar a partir das potências de um indivíduo, comunidade ou organização. As premissas da Investigação Apreciativa são:

Em toda sociedade, organização ou grupo, algo está funcionando bem; Aquilo a que nós damos atenção acaba se tornando nossa realidade; A realidade é criada a cada momento e

existem múltiplas realidades; O ato de fazer perguntas sobre uma organização ou grupo o influência de alguma forma; As pessoas têm mais segurança e se sentem mais confortáveis para imaginar o futuro (desconhecido) quando levam consigo partes do passado (conhecido); Se nós levarmos partes do passado, elas devem ser o que de melhor ocorreu no passado; A linguagem que usamos cria nossa realidade.

Além dessas premissas, uma das crenças mais presentes nos trabalhos de Investigação Apreciativa é a de que quando ampliamos o que está dando certo, o que está dando errado tende a se tornar irrelevante. Isso vale para coletivos e indivíduos.

4.4 TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA

Para Garcia e Grandesso (2022), a Terapia Comunitária Integrativa (TCI) pode ser entendida como uma prática política, visando estreitar vínculos e promover a troca de experiências e saberes que favorecem a transformação social, uma vez que é sustentada por valores de inclusão, respeito às diferenças e legitimação de diferentes vozes. As TCIs são orientadas pelos princípios do diálogo, construção social e legitimação de ações colaborativas. Isso é, apresenta-se como uma metodologia simples e pode ser realizada em qualquer espaço em que as pessoas vivem ou visitam, onde podem ser ouvidas respeitosamente e ter contato olhos nos olhos. A TCI é uma abordagem que valoriza os recursos culturais da comunidade, a experiência dos indivíduos e famílias, bem como o conhecimento obtido com elas.

A TCI tem uma postura ética de curiosidade, questionamento, respeito, escuta ativa e humildade, gerando relações horizontais entre os participantes. É um espaço democrático comunitário, onde todos têm voz igual e aprendem uns com os outros – inclusive os facilitadores – sobre os recursos desenvolvidos para superar os sofrimentos ao longo do curso da vida. Assim, promovendo valores e vínculos de solidariedade, autonomia e responsabilidade sobre nossas vidas, fortalece o exercício da cidadania, renovando a esperança no presente e no futuro.

4.5 TERAPIA NARRATIVA

Segundo Paschoal e Grandesso (2016), a terapia narrativa desenvolvida por Michael White e David Epston pode ser compreendida como uma prática construcionista social, que parte do princípio de que a realidade é socialmente construída na linguagem e nos relacionamentos. Está baseada na ideia de que construímos histórias carregadas de significados que moldam nossa experiência passada, nosso presente e futuro, e que os sentidos e significados para as experiências vividas nascem nas relações. O propósito da terapia narrativa define-se como construir um contexto conversacional de modo ajudar o cliente a reescrever de forma “rica” histórias alternativas com detalhamento sobre acontecimentos, crenças, propósitos,

aprendizados e valores, entrelaçadas com as vidas das pessoas, contribuindo para uma nova visão de si mesmo e da vida.

4.6 INTELIGÊNCIA COLETIVA

A inteligência coletiva (CYRINO et. at, 2010) trata de um princípio que explica a habilidade de um conjunto de pessoas de produzir e difundir saberes a partir de suas diferenças. De acordo com Lévy, (2000) a inteligência coletiva é o projeto de uma inteligência diversa, espalhada por todo lado, sempre reconhecida e coordenada em tempo real, sendo uma nova forma de vínculo social no qual cada ser humano é, para os outros, uma fonte de saberes. A inteligência coletiva não é a integração das inteligências individuais em uma espécie de "massa comunitária", mas, ao contrário, é a valorização e a estimulação recíproca das singularidades.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa de natureza descritiva-exploratória de caráter qualitativo foi aprovada pelo comitê de ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP sob número do parecer 6.485.153

5.1 TIPO DO ESTUDO

Este trabalho se enquadra como uma investigação descritiva-exploratória de caráter qualitativo na modalidade pesquisa-ação. A pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) é uma forma de investigação social baseada em evidências empíricas que é planejada e executada em estreita relação com uma ação ou com a solução de um problema coletivo e que envolve de forma colaborativa ou participativa os pesquisadores e os sujeitos representativos da situação ou do problema em questão.

Em síntese, a pesquisa-ação é uma estratégia metodológica da pesquisa social que pressupõe uma interação ampla e explícita entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação estudada; o foco da investigação não são as pessoas, mas a situação social e os problemas de diferentes naturezas presentes nessa situação; o propósito da pesquisa-ação é ampliar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o "nível de consciência" das pessoas e grupos envolvidos.

Da mesma forma, quando são usadas abordagens apreciativas, os pesquisadores estão interessados nos recursos que as pessoas e as organizações dispõem para enfrentar os desafios que vivem. As entrevistas são realizadas não apenas como forma de obter informação, como também de gerar sensibilização e engajamento para a mudança. Um dos princípios da Investigação Apreciativa é que a transformação acontece no momento em que se faz a pergunta. (COOPERRIDER; WHITNEY, 2006).

5.2 PARTICIPANTES

Foram convidados para fazer parte dessa investigação integrantes do projeto “Pão do Povo da Rua”: Gestor, coordenador de produção e equipe (detalhada na introdução deste trabalho), num total de 16 pessoas. Todos eles foram devidamente informados sobre os propósitos desse trabalho e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I p.56)

5.3 PROCEDIMENTO

- Um encontro de aquecimento e conexão com a pesquisadora para conhecer o grupo e gerar conexões coletivas entre todos os participantes: o que vamos fazer juntos,

elaborar acordos de convivência, dar uma visão geral do trabalho, fazer um levantamento de intenções e definir conjuntamente o nome do grupo. Este encontro foi realizado uma semana antes do início das rodas de TCI;

- Cinco encontros conversacionais semanais (rodas de TCI), envolvendo o grupo todo, durante 1h30 ao final do horário de trabalho (15h30-17h00), no espaço do projeto no centro de São Paulo, em sala fechada com cadeiras em círculo, durante os meses de abril e maio de 2023;
- Um encontro individual com cada participante após uma semana de conclusão das rodas de TCI.

Os encontros foram gravados e transcritos. Contamos com a colaboração da psicóloga certificada em TCI pela ABRATECOM, Marlete Bonfim Lima, que facilitou as rodas de TCI.

5.4 FUNCIONAMENTO DAS RODAS DE TCI

As rodas de TCI foram conduzidas de acordo com a metodologia de Barreto (2008). Conforme Garcia e Grandesso (2022) cada reunião de TCI dura cerca de uma hora e meia e tece uma narrativa coletiva que se constrói ao longo de cinco etapas que apoiam o diálogo e a colaboração entre os participantes, como uma espinha dorsal.

Apresento abaixo essas etapas, conforme a proposta de Barreto (2008) e as rodas que realizamos com os participantes do projeto O Pão do Povo da Rua.

5.4.1 Acolhimento

Para situar os participantes, a facilitadora apresenta a TCI como espaço de acolhimento da palavra, escuta generosa e compartilhamento, tanto dos sofrimentos que incomodam as pessoas quanto dos recursos e formas de enfrentamento, estratégias descobertas e construídas ao longo de suas vidas. Uma TCI não pretende resolver problemas, mas acolher o sofrimento e legitimar os saberes locais. Não é definida como uma psicoterapia, mas como um trabalho de promoção de bem-estar e empoderamento. Portanto, alguns acordos conversacionais são apresentados para organizar a conversa e dar voz, vez e tempo a todos os participantes:

1. Falar na primeira pessoa, usando o pronome eu. Cada pessoa é especialista em sua própria experiência. A TCI incentiva a autoria.
2. Ficar em silêncio para ouvir o outro de forma respeitosa e atenta e ouvir a si mesmo – ao seu diálogo interno -, esta forma de ouvir os outros ajuda as pessoas a se conectarem com suas próprias experiências.

3. Não dar conselhos, não julgar, não interpretar a experiência do outro. As TCIs convidam e promovem relacionamentos horizontais e não hierárquicos.
4. Se algum dos presentes se lembrar de alguma canção, poema, provérbio, ditado popular ou piada que tem a ver com o que está sendo dito, podem apresentar.

Então a facilitadora abre espaço para a celebração de um evento ou realização importante para as pessoas que quiserem compartilhar.

A celebração termina com uma música escolhida pelos presentes. Após este ritual, passa-se a um momento de descontração, durante o qual é realizada uma atividade ou um jogo por um curto período, a fim de criar um ambiente mais descontraído antes de iniciar a próxima etapa.

5.4.2 Escolha do tema

Nesta etapa as facilitadoras encorajam os presentes a trazerem à tona um assunto de seu interesse, algo que eles gostariam de compartilhar que está causando algum tipo de sofrimento ou desconforto (uma pedra no sapato). O convite indica aos participantes que manifestem suas questões em apenas algumas palavras. Neste ponto, a facilitadora apenas anota os tópicos propostos e o nome de quem os apresenta. Uma vez que quatro a cinco alternativas foram coletadas, pede a algumas pessoas que digam qual delas teve maior ressonância e por que. Essa identificação permite saber quais preocupações tiveram maior impacto sobre os presentes e preparar a comunidade para votar. Para escolher os temas, o terapeuta reapresenta os temas propostos um a um e cada pessoa pode votar em apenas um deles. A seguir agradece-se às pessoas que não tiveram seus temas escolhidos e passa para a etapa seguinte.

5.4.3 Contextualização

Nesta fase, a facilitadora pede à pessoa que apresentou o tema escolhido para partilhá-lo com os presentes e contar como tem sido vivida essa inquietação. Todo mundo pode fazer perguntas para entender como esta situação a está afetando e como se sente para lidar com aquela situação. À medida que a facilitadora escuta a pessoa que narra sua história, formula uma pergunta potencialmente reflexiva, nascida de sua escuta, que Barreto (2008), chama de mote. Esta pergunta-mote abre espaço para o próximo passo que irá mobilizar toda a comunidade.

5.4.4 Compartilhamento de conhecimento local

Nesta etapa a conversa é organizada pela pergunta-mote elaborada pela facilitadora ao final da etapa anterior. Esta pergunta visa convidar os presentes para compartilharem seus

conhecimentos, suas aprendizagens, bem como as estratégias de enfrentamento que desenvolveram para lidar com a situação proposta. Por exemplo: Quem já passou por uma situação semelhante à apresentada pela pessoa cujo tema foi escolhido? Esta etapa tem uma duração maior que as anteriores, de forma a favorecer uma colheita abundante de recursos e estratégias de enfrentamento fornecidas pela comunidade.

5.4.5 Encerramento

Nesta última etapa, a facilitadora convida os presentes a pensar sobre o impacto que a roda de TCI teve para cada um. Desta vez, o foco está no que cada pessoa está levando consigo dessa roda de conversa. Isto também é mais um momento de honrar as histórias compartilhadas. Cada pessoa que quiser pode agradecer e enfatizar a importância daquilo que aprendeu diretamente para a pessoa a quem é grata.

5.5 ANÁLISE DO *CORPUS* DA PESQUISA

As informações obtidas em cada uma das etapas desta pesquisa foram organizadas para definir o *corpus* desta pesquisa de modo a contemplar seus objetivos. Desenvolvemos uma análise qualitativa, a partir do material registrado durante as interações com a equipe do Pão do Povo da Rua, de modo a contemplar os três momentos que elegemos como procedimento de pesquisa:

1. O encontro de aquecimento e conexão foi fotografado e registrado no caderno de campo. Também foi feito o registro da preparação do encontro. Posteriormente foi feita uma reflexão sobre o encontro e a preparação, que constam da próxima seção 6.1. p. 29.
2. As rodas de TCI foram gravadas, transcritas e registradas no caderno de campo. Posteriormente foi preenchido um formulário para cada roda de acordo com a prática usual da Associação Brasileira de Terapia Comunitária (ABRATECOM), conforme Anexo II p. 57-61. Ao final dos 5 encontros foi feita uma análise dos resultados de acordo com as etapas da TCI para cada fase.
3. Uma semana após o encerramento do trabalho, a pesquisadora voltou à sede da instituição para colher depoimentos dos participantes quanto à experiência, sentimentos envolvidos e resultados gerados para cada um e para a comunidade. Foram conversas individuais gravadas. As duas perguntas disparadoras para estes depoimentos foram:
 - *Como foi para você participar desses encontros que a gente realizou?*
 - *Para você fez alguma diferença? Mudou algo entre vocês?*

Nestes depoimentos foi feita uma análise com ênfase na poética social conforme definida por Shotter (2000) e desenvolvida por Paschoal (2012) buscando por momentos marcantes nas conversas que ocorreram nos encontros. Na poética social, busca-se o inusitado, o desconhecido e singular, não os padrões ou repetições. Assim, a pesquisadora procurou “construir relações ou conexões criativas entre os eventos estudados e outros aspectos da vida social, ampliando as possibilidades de descrevê-los” (GUANAES, 2006, p. 97).

Portanto, depois de transcritos, os depoimentos foram lidos várias vezes para identificar momentos marcantes, organizados em temas para efeito de análise seção 6.6 p. 41.

6 RESULTADOS DA PESQUISA

Para dar visibilidade aos resultados, as informações registradas durante todo o processo foram organizadas no *corpus* dessa pesquisa e foram definidos alguns eixos temáticos para nortear nossa análise de resultados:

- 6.1 Processamento do encontro de aquecimento e conexão
- 6.2 TCI: Processamento dos temas
- 6.3 TCI: Processamento dos momentos marcantes das rodas
- 6.4 TCI: Processamento da conversa desenvolvida na roda
- 6.5 Depoimento da facilitadora terapeuta comunitária
- 6.6 Depoimentos dos participantes

6.1 PROCESSAMENTO DO ENCONTRO DE AQUECIMENTO E CONEXÃO

Em 18/04/2023 fizemos o primeiro encontro com a equipe na sede do Pão do Povo da Rua, no mesmo local e espaço onde na semana seguinte iríamos iniciar as rodas de TCI. Estavam presentes 15 pessoas, 3 mulheres e 12 homens, com idades de 21 a 62 anos, entre eles o gestor da equipe.

6.1.1 Planejamento:

Apresentação da facilitadora e apresentação dos participantes: Dinâmica dos nomes: em círculo, jogar uma bola imaginária e falar o nome da pessoa

Apresentação dos objetivos do trabalho: Fomentar a prática do espaço conversacional como lugar de encontro, escuta acolhimento e reflexão do grupo, com o sentido de ampliar a consciência e autonomia da equipe. Nos fortalecer enquanto grupo.

Definição dos acordos de convivência: Fazer silêncio enquanto o outro fala, Respeitar a história de cada pessoa, Falar da própria experiência, (usar o verbo na 1ª pessoa do singular – Eu), Não julgar nem dar conselhos e Uso de uma música, provérbio, poema, etc., que esteja no contexto.

Dinâmica Dixit: escolher uma carta que considere útil para se apresentar em 2 minutos (eleger um cronometrista)

Construção coletiva de uma agenda: conversa em duplas ou trios com a seguinte consigna: “agora que conhecemos melhor o que nos representa, e que definimos um encontro semanal para isso, vamos pensar a que temos vontade de dedicar este tempo nosso, que vamos passar juntos todas as semanas. Sente com mais 2 ou 3 pessoas e conversem sobre isso. Qual o melhor jeito de a gente aproveitar este momento? Encontrem uma carta que ilustre essa conversa, que ajude a explicar o que serão esses encontros. Qual seria o melhor nome para esse projeto”?

A seguir, apresento um relato descritivo da dinâmica usada, bem como os pontos relevantes que se destacaram:

6.1.2 Realização do encontro:

Quando cheguei (15h) algumas pessoas conhecidas me cumprimentaram. Subi para arrumar a sala e Sr. F arrumou uma mesa para colocarmos o Dixit. M estava atrasado, o serviço de atendimento fechava as 16h00 então começaram negociações para mudar horário. Eu disse que estava na Zona Azul e que precisava sair as 17h. No fim o trabalho começou 30 minutos mais tarde.

Na entrada, as pessoas olhavam a mesa, a toalha e ficavam curiosas. Palavras como Tarot e Espiritual foram citadas. Eu esclareci que era um jogo interpretativo, que cada pessoa dá às cartas a sua leitura. Entravam alegres, brincando, mas também meio desconfiadas. Foram sentando-se na roda o mais longe possível de mim. M me confidenciou que C tinha q participar pois era a mais necessitada. Quando todos chegaram, me apresentei, houve um início de ataque de riso, tentativas de falas paralelas. Percebi que precisava fazer falas breves e certas para mantê-los engajados. E não tinha clima para fazer o jogo da bola imaginária.

Quando lembrei a eles que era a “mãe da Regi” o clima mudou completamente. Sorriram, fizeram perguntas sobre ela, elogiaram sua conduta no estágio, lamentaram que não tinha aparecido mais, quiseram saber o que estava fazendo. Foi um quebra gelo. Apresentei o motivo de estarmos lá. Ter um espaço de pausa, de conversa e reflexão sobre nossa convivência, como fortalecer o grupo. Contei que trabalhava com desenvolvimento de equipes e que tinha aceitado o convite de trabalhar com este “time”.

Depois disso, disse que queria conhecê-los e para eles se conhecerem de um jeito diferente tinha trazido as cartas do Dixit. Todos se engajaram na tarefa, alguns tiveram bastante dificuldade de escolher e os depoimentos em sua maioria foram muito honestos, emocionantes. Eles se abriram de forma muito verdadeira, me impressionou. Havia ainda um clima meio de brincadeira, algumas interrupções, gozações, entremeadas com as falas serias. Um ou dois não trouxeram nada muito pessoal. O resultado dessa dinâmica segue no item 6.1.3, logo abaixo.

6.1.3 Dinâmica Dixit:

Cartas selecionadas	Registro
	<p>Salvo na rua por uma fala: Deus quer ver seu rosto; gosto de pontualidade; Carneirinha e Loba; Moldando o coração de ferro; fugindo do perigo; Macaquinho brincalhão; A foice que faz as máscaras caírem; Jardim sustentabilidade; Construção para subir; Quero vencer!; Mãe trabalhadora; queria ser astrônomo: o céu é o limite; muitos papéis e muitos pensamentos, bons e maus; Vivendo perigosamente; A música e a arte como possibilidade;</p>

Ao final desta dinâmica perguntei como tinha sido e eles se mostraram contentes de conhecerem melhor os colegas. “Eu não sabia...”

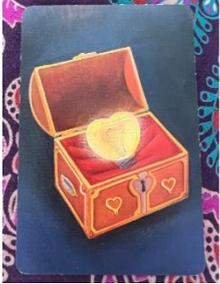
Também queriam saber se as cartas teriam algum significado oculto, alguma interpretação “oficial” e eu disse que não, que o “barato” deste jogo era realmente esse. Cada um dá a sua interpretação.

Foi gostoso de viver com este grupo o encontro com as cartas. Fiquei com a impressão de que esta forma simbólica de expressão foi como uma ponte iluminada entre o mundo real e a bagagem muitas vezes pesada que cada um traz e o mundo onírico, de metáforas e sonhos onde tudo é possível. A vida, por mais dolorosa que fosse, ficou mais leve com a ajuda desta linguagem.

6.1.4 Conversa em grupos: O que queremos conversar daqui para a frente?

Respostas de cada grupo:	Conclusão:
<p>Aprender a respeitar o espaço Ajudar o outro Privacidade Lidar com explosões e ansiedade Melhoria para nós próprios Saber como está o outro Ser mais flexível Manter o bom humor Respeitar limites Saber conversar Poder desabafar Aprender a falar Cuidar com as palavras que ferem Saber brincar</p>	<p>O grupo trouxe a vontade de trabalhar sobre como podemos melhorar nossas relações interpessoais e sermos mais empáticos uns com os outros. Algumas das ideias principais incluíram aprender a respeitar o espaço do outro, respeitar limites, ajudar o outro, saber como está o outro. Também deram destaque para a importância de saber conversar e poder desabafar, mas sempre tomando cuidado com as palavras que podem ferir. Saber brincar também é uma habilidade importante quando bem dosada, disseram. No aspecto individual, percebem a necessidade de aprender a lidar com explosões e ansiedade, serem mais flexíveis e conseguirem manter o bom humor. Entendem que o trabalho significa uma melhoria para cada um.</p>

6.1.5 Encerramento:

Qual nome vocês dão para o grupo?	Como está saindo? (em uma palavra)
 <p data-bbox="587 432 719 533">Coração Valente</p>	<p data-bbox="743 376 1433 483">Esperançoso, Produtivo, Interessante, Paz e amor, Conhecer, Perfect!, Bem, Ótimo, Confiante, Melhor não dizer, Legal, Mentalidade diferente.</p> <p data-bbox="743 488 1433 629">Eu encerrei com a palavra Honestidade. Como senti que o grupo se entregou ao trabalho, que as pessoas puderam participar na sua medida, isso me deixou muito feliz. Eles aplaudiram e encerramos</p>

A partir das respostas dadas pelos participantes, especialmente as conversas em grupos, podemos dizer que o interesse do grupo era condizente com o que o Prof. Ricardo Frugoli apresentou como necessidade da instituição quando de nossas conversas iniciais. Um dos interesses das lideranças de O Pão do Povo da Rua envolvia a melhora das relações e formas menos conflituosas de resolver as diferenças. Vimos que a partir da conversa em pequenos grupos que os participantes tinham interesses e necessidades semelhantes, tais como “aprender a respeitar o espaço” e “respeitar limites”. Foi marcante a forma genuína e espontânea, a disponibilidade e a forma como todos foram aderindo à proposta, cada um do seu jeito. No nosso entender, fomos capazes de criar um espaço democrático, onde todos tiveram voz e vez. Quem não quis se colocar foi respeitado e teve presença. O nome Coração Valente trouxe amor, força coragem e poesia para o trabalho. O destaque desta atividade foi como naturalmente o grupo estruturou as bases da TCI: respeito, ajuda mútua, bom humor, melhoria para todos. No nosso entender, foi um começo auspicioso.

6.2 TCI: PROCESSAMENTO DOS TEMAS

Temas apresentados pelos participantes, temas escolhidos pela comunidade, motes propostos e estratégias de enfrentamento dos dilemas trabalhados

Rodas	Temas propostos	Tema escolhido & Mote apresentado	Estratégias de enfrentamento
Roda 1 14 participantes	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência de lidar com comportamento (destrutivo) do outro • Sentimento de traição • Dificuldade em lidar com meu lado obscuro, minha sombra 	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência de lidar com comportamento (destrutivo) do outro <p>Quem aqui já teve uma dificuldade de lidar com o outro, se sentiu impotente diante de um comportamento difícil do outro e o que fez para mudar ou está fazendo para melhorar?</p>	<p>F trouxe, quando estava em situação de vulnerabilidade diante das drogas e em situação de rua, achando que era o fim. Impotente. Aí encontrou uma porta. Ele pediu isso a Deus, usou a fé como instrumento, conseguiu se reerguer e trabalhar num lugar que nutre, um lugar que alimenta. Fé e trabalho como fatores de proteção e estímulo para sua mudança.</p> <p>C trouxe a dificuldade de lidar com sua agressividade, diante do comportamento do outro, de não conseguir falar e se expressar de maneira objetiva. Mas está aprendendo que pode falar sobre isso com clareza, refletindo a respeito e buscando a adaptação em equipe</p>
Roda 2 12 participantes 1 novato	<ul style="list-style-type: none"> • Perda de Controle • Ansiedade • Medo do sofrimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Perda de controle <p>Quem já sofreu pela perda de controle, o que fez ou está fazendo para ter domínio próprio?</p>	<p>N trouxe a necessidade de estabelecer regras e limites que ele mesmo definiu. Respeitar a sua idade (40 anos). E não participar de grupos que podem o levar a queda.</p> <p>C contou que ao sair da prisão, teve uma recaída que a levou a ter uma alucinação, por medo de morrer usou a fé, pedindo a Deus uma saída e prometendo não mais usar pedra. Hoje está trabalhando e limpa. Ela e o amigo Daniel, quando se veem em uma situação de perda de controle para a bebida, buscam apoio dos amigos próximos, para guardarem os documentos e pedirem Uber para irem pra casa.</p> <p>M relata que sua virada de chave, diante do crack, foi ter pego dinheiro da mãe e no uso alucinou que a mãe o via usando drogas com o dinheiro roubado, sentiu culpa e resolveu mudar sua postura diante da droga.</p>
Roda 3 8 participantes 0 novatos	<ul style="list-style-type: none"> • Frustração • Tristeza por ser enganada • Desespero por dor intensa 	<ul style="list-style-type: none"> • Frustração <p>Você que se identificou com essa questão de frustração, por não ter seu direito ou informação adequada, o que você fez ou o que você está fazendo para lidar com isso de forma adequada para você?</p>	<p>J trouxe que depende da situação em que se encontra, se tratado com respeito, age com respeito, se for desrespeitada “arma um barraco” para ser atendida logo.</p> <p>N furou uma fila de banco fingindo ser doente mental, ainda não usa de honestidade se percebe que não vai ser atendido rápido.</p> <p>B foi resolver em outro lugar seu problema, mas voltou para mostrar a solução para a pessoa que não o tinha atendido e sua assertividade o deixou em paz.</p> <p>M trouxe a história da amiga que chorou na fila para agendar exame, o quanto isso a fez pensar na sinceridade do sentimento, como recurso diante de uma situação de não respeito ao direito de bom atendimento.</p>

Rodas	Temas propostos	Tema escolhido & Mote apresentado	Estratégias de enfrentamento
			F contou sobre não ceder a um abuso na cobrança de Zona Azul para o guardador de rua. Conhecendo seus direitos e deveres usou o app.
Roda 4 11 participantes 1 novato	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência diante da má escolha do outro • Medo diante do desconhecido • Preocupação por não saber como ajudar o outro 	<ul style="list-style-type: none"> • Impotência diante da má escolha do outro <p>Quem já viveu uma situação de impotência, a sensação de que não vai dar conta, de querer fazer algo pelo outro ou por você e não conseguir, o que você fez ou está fazendo para mudar essa situação?</p>	<p>M: Estou me conhecendo, consigo não me culpar, com ajuda da terapia, entendi e aceitei meus limites.</p> <p>A: Tomei uma decisão, todo dia tenho uma luta diferente.</p> <p>N: Me conhecer, me colocar regras e limites. Saber a hora de parar. Mudar de atividade, descarregar em outra coisa. Ir dormir. Ter recaídas e recomeçar</p> <p>N: Aluguei meu ouvido, ajudando outra pessoa através da escuta generosa, sem julgar, entendendo que outra pessoa passa o mesmo que eu, também me vejo na situação semelhante e evito situações difíceis, me respeito indo dormir e me conhecendo dia a dia</p> <p>B: procura não seguir o caminho do outro e usa o esporte que ajuda muito</p>
Roda 5 7 Participantes 2 novatos	<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação financeira para viver bem agora e no futuro • Ansiedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Ansiedade <p>Quem já viveu uma situação de ansiedade e o que fez ou está fazendo para lidar com isso?</p>	<p>L: Eu queria fazer muita coisa ao mesmo tempo, eu sou chefe de família, teve uma época que eu tinha muita conta para pagar. Eu parei e comecei a fazer curso de meditação. Achei que não ia resolver. Aí aprendi a parar para respirar. Comecei a breicar os pensamentos. Hoje em dia eu penso: está na minha alçada? Posso resolver? Se não, não vou me preocupar, vou fazer algo que faça bem pra mim.</p> <p>T: eu faço terapia, é bom porque quando eu falo para alguém dilui a emoção. E também porque eu me distancio, consigo ver a situação com outra perspectiva.</p>

6.2.1 Síntese e Comentários:

Uma análise da incidência de temas semelhantes revela que os temas que apareceram de forma mais frequente nas rodas foram **impotência** e **ansiedade**.

De acordo com o nosso entendimento, nos sentimos impotentes, no que diz respeito aos relacionamentos interpessoais, diante de situações que fogem do nosso controle, como o comportamento destrutivo de alguém que amamos ou de quem dependemos, ou a má escolha do outro que afeta a nossa vida. Também sentimos dificuldade em lidar com nossos próprios sentimentos negativos, como a sombra, o medo, a ansiedade, a frustração e a tristeza, que são despertados por essas situações.

Além disso, sofremos com a sensação de traição, de sermos enganados ou abandonados por alguém em quem confiávamos. Esses acontecimentos podem gerar um estado de desespero, sofrimento e preocupação, que podem afetar a nossa saúde física, mental e emocional, bem como a nossa qualidade de vida presente e futura.

Estes resultados parecem consistentes com pesquisa realizada por (ROCHA et al, 2013) na Paraíba: o sofrimento mais presente na população que frequenta as rodas de TCI da Secretaria de Saúde Municipal de João Pessoa é o estresse, tema ao qual eles agregam as situações de cansaço, medo, ansiedade, desamparo e desmotivação. Segundo a autora, “o conceito de estresse tem sido amplamente utilizado atualmente, chegando mesmo a tornar-se parte do senso comum, passando a ser responsável por quase todos os males que afligem as adversidades do dia a dia, principalmente em decorrência da vida moderna.” (ROCHA et al, 2013, p.1)

Da mesma forma, quando levantamos as estratégias de enfrentamento, em primeiro lugar aparecem **religiosidade** e **espiritualidade**: pedir a Deus, pedir a Deus uma saída e usar a fé como instrumento, como fator de proteção e estímulo para mudança. Essas estratégias podem indicar o alívio encontrado em algo maior, fora de si, que suaviza a solidão e a impotência. No estudo de (ROCHA et al, 2013) aparecem em primeiro lugar também.

Em segundo lugar, as estratégias relacionais: buscar apoio dos amigos próximos, lembrar da mãe, ajudar outra pessoa através da escuta generosa, não participar de grupos que podem levar à queda e não seguir o caminho do outro. Essas estratégias podem indicar como a rede social, as relações positivas e até mesmo a lembrança de uma relação de apoio é recurso significativo.

Em terceiro lugar, autorregulação e adaptação: aprender a falar o que está sentindo sem ser agressivo, demonstrar a sinceridade do sentimento, estabelecer regras e limites, saber a hora de parar, mudar de atividade. Neste sentido percebemos que praticar meditação, esportes e fazer terapia aumentam a capacidade de manejo dos impulsos e das emoções, bem como a flexibilidade para lidar com as mudanças.

Por fim, estratégias ligadas à cidadania, como conhecer seus direitos e deveres, “armar um barraco” para ser atendida quando é desrespeitada, resolver em outro lugar seu problema, mas voltar para mostrar a solução para a pessoa que não o tinha atendido. Essas estratégias podem indicar questões ligadas a conhecimento, autonomia e confiança nas instituições e nas normas sociais.

Muitas das aflições humanas que nos unem têm a ver com o viver na sociedade da exclusão, da competição, da submissão e do controle. Não me parecem estes temas restritos a

esse grupo ou mesmo à cidade ou ao país onde ocorrem, mas tratam de angústias universais do nosso tempo e de nossa cultura. Segundo Maturana e Zöller (2004) a dominação dos outros, a submissão forçada às relações de poder que se sustentam pela violência e o desenvolvimento como uma acumulação de conforto pela exploração dos recursos dos outros, são ações que perpetuam a exclusão e geram pobreza material, degradação ambiental e sofrimento. Isso ocorre porque tais condições são dinâmicas de negação de nossa natureza como seres humanos. São, portanto, intrinsecamente negadoras do respeito mútuo e do auto-respeito constitutivos do viver democrático.

Já as curas que podemos descobrir tanto em nós mesmos quanto conversando com os outros, quando compartilhamos estratégias de superação na roda de TCI, me parecem trazer à tona uma forma de relacionar-se (MATURANA; ZÖLLER, 2004) e de conversar que cura essa desolação do viver moderno por meio da recuperação do respeito por si mesmo e pelo outro, mesmo quando acontece em outra comunidade humana.

6.3 TCI: PROCESSAMENTO DOS MOMENTOS MARCANTES DAS RODAS

Enquanto acontecem as rodas na conversação, e a estrutura e o processo da TCI vão se construindo, nos pareceu interessante compartilhar alguns momentos marcantes, não apenas de diálogo explícito, mas incluir algo de movimentação corporal e clima da conversa, bem como de nosso diálogo interno e das reflexões que fomos fazendo, enquanto facilitadoras.

6.3.1 Roda 1

Nesta primeira TCI, encontramos desafios radicais da aprendizagem do não julgar, acolher, respeitar a opinião do outro e conseguir escutar mesmo quando não concorda. Estávamos trabalhando os temas quando surge esta fala:

“Quero dar minha opinião: Primeiro que droga é droga, não tem opção de droga. (...)”

Esta fala, dita por uma pessoa que tinha entrado há pouco na instituição, gerou forte discussão, todos falando ao mesmo tempo, ninguém se escutando, várias falas paralelas. Até que surge uma fala vindo de um dos participantes do grupo: “Nada a ver isso que você está falando!” “A gente não pode julgar, mas isso que ele está falando é errado.” “Você me respeite, seu vagabundo!”

O confronto acirrado continuou até que a pessoa que falou saiu da sala, alguns foram atrás dela, brigando. Nós fomos tentando retomar a roda. Depois ficamos sabendo que essa pessoa foi embora do projeto naquele mesmo dia. Os outros voltaram e retomamos a roda do ponto em que estávamos. Foi tenso.

Uma tentativa apaziguadora veio de outro participante que disse: “Vamos deixar pra lá porque as professoras estão aqui para ajudar nós.” “Ele não tem esse direito, de fazer isso com o nosso projeto” “Ele está sendo o centro das atenções e está desfocando a gente da intenção delas de contribuir com a gente.”

Ao final eles foram capazes de relacionar o tema escolhido, “a impotência de lidar com comportamento (destrutivo) do outro” com o que tinha acontecido. Pudemos testemunhar uma notável capacidade de reflexão do grupo, e como se diz na linguagem cotidiana “as fichas vão caindo, uma atrás da outra”!

Este evento foi tão marcante que, em uma conversa posterior com as lideranças do projeto, eles comentaram como todos estavam desconfortáveis e tristes que isso tivesse acontecido. Houve muitos pedidos de desculpas por parte da instituição. Ressaltamos que dinâmicas como essa fazem parte de muitos processos grupais e não havia necessidade de se desculparem. Pudemos também conversar sobre a fala do participante novato em relação a como a instituição estava lidando com a questão de redução de danos. Conjecturamos que ele poderia ter sido um porta-voz de algo que precisava ser esclarecido. A partir daí eles refletiram e acabaram mudando algumas regras. O assunto ressurgiu de forma positiva em um dos depoimentos no final do trabalho (seção 6.6.6 p. 47).

6.3.2 Roda 2

Começamos a roda com os participantes cuidando das facilitadoras. Eles trouxeram um ventilador “para a professora”, conforme foi dito, um sinal de carinho e cuidado e quando, no momento das celebrações, um participante contou que ia para Buenos Aires, outro se apressou em dizer: cuidado com os assaltos! Dissemos que depois faríamos uma sessão de dicas úteis, numa tentativa em vão, de mantermos o foco na TCI. O participante contou toda a história do namorado que foi assaltado por uma mulher se fazendo passar por mãe desamparada com um bebezinho. Um participante trouxe sua prática de viver com regras que ele mesmo criou para ele:

eu sou meio atrapalhado, então criei regras e rotinas. Eu não saio delas. Eu não quebro a regra. Se não, é puxar o pino da granada e soltar ela dentro da minha calça. Eu tentei minha vida inteira me libertar do vício. E agora, você está firme e forte? Eu estou buscando a firmeza a cada dia.

Depois que terminou esta roda, comentamos entre nós, as facilitadoras, que este era um processo de implantação de uma roda de TCI, e que é natural que o grupo tivesse dificuldade de seguir as regras, assim, logo de cara. Por mais que eles falassem da importância de seguir regras.

6.3.3 Roda 3

Nesta roda, quando fizemos o aquecimento, a participação das pessoas foi maior, tanto no cantar quanto no dançar. Muitos risos, comentários brincalhões. Iniciamos o momento dos temas e Marlete pediu para eles trazerem as regras. E foram surgindo naturalmente: não pode julgar, não pode palpar, dar pitaco, não pode dar conselhos. Eles mesmos trouxeram. Foi um momento muito especial, pois pudemos testemunhar como a comunidade, em apenas três rodas concluídas, já tinham incorporado o processo.

Outra coisa importante de ser ressaltada, diz respeito aos problemas que eles enfrentam pela desinformação, ignorância de seus direitos e a vulnerabilidade diante de um sistema feito para dificultar a vida do cidadão em vez de ajudar, simplificar. Foi difícil não orientar, instruir, esclarecer, para não incorrerem numa postura de mais saber e, portanto, hierárquica.

6.3.4 Roda 4

Essa Roda foi a mais emocionante de todas. Como se tivéssemos atingido o cume da montanha dessa excursão que estávamos fazendo com o grupo. Uma participante traz chorando a dor de saber que seu filho está na Cracolândia. A facilitadora Marlete puxa e todo o grupo canta uma canção popular que diz “encosta sua cabecinha no meu ombro e chora...” A participante diz que sabia que antes ele estava preso e que isso era um alívio, porque lá ele estava seguro, e que naquele dia teve a notícia que havia sido solto e avistado na Cracolândia. Ela ficou arrasada com a notícia da recaída. Todo o grupo ficou muito mobilizado, choramos com ela. No final ela se disse aliviada e ficamos felizes de poder dar o acolhimento que ela necessitava.

Antes de terminarmos, avisamos que o próximo encontro seria o último.

6.3.5 Roda 5

Esse encontro pareceu meio “esvaziado”. Havia poucos participantes e, no início, ficamos nós as facilitadoras com a impressão que talvez isso tivesse a ver com o fato de termos avisado que seria a última roda. É como se tivesse sido uma medida de proteção. Já que vai acabar, que acabe logo. Ninguém falava nada, demorou para pegar. Daí a facilitadora terapeuta comunitária precisou dispor de uma habilidade especial, aprofundando o único tema que surgiu. As pessoas compartilharam como sentem ansiedade:

eu fico nervosa, agressiva. Eu fico com sensação de desespero, angústia, vontade de chorar, sensação de que não vou conseguir, paralisção, apagão (tudo some, não leio, não lembro nada) fico tensa, imaginando todas as formas que pode dar errado, não consigo me acalmar, me controlar para tentar fazer dar certo, começo a tremer, chorar, não consigo dominar...

A partir daí a roda caminhou, como pudemos perceber quando foram feitas as entrevistas individuais. Nessa última roda tivemos uma participante novata. Pelo seu depoimento ela disse “ter adorado”, ela deu um depoimento de profunda relevância (p. 47) Isto nos faz pensar que este é um dos grandes poderes da TCI: está quem está e a roda acontece!

6.3.6 Síntese e Comentários

Em termos de desenvolvimento, foi marcante a abertura de um espaço relacional novo e talvez inédito para todos. Tão naturalizada que está em nossa cultura a falta de equidade, que a simples criação, pelo grupo, de uma clareira de respeito mútuo pode ser percebida como extraordinária, como dizem Maturana e Dávila (2009 p.36)

o caminho de saída da psique da falta de equidade é a biologia do amar: o operar espontaneamente no domínio das condutas relacionais através das quais alguém, o outro, a outra ou tudo o mais surge como legítimo outro na convivência com esse alguém. E isto é possível precisamente porque nós seres humanos, embora possamos cultivar a agressão e a negação do outro, somos em nossa condição fundamental, seres amorosos, seres que adoecem de corpo e alma no desamar.

Sob esta perspectiva, a TCI trata de trazer à mão o resgate de nossa condição humana fundamental de ter presença plena nos encontros, de estarmos inteiros na escuta e não focados nas dores do passado ou nas expectativas do futuro. É notável como fazemos isso na TCI de forma simples por meio dos acordos conversacionais. E é notável como nós neste grupo parecemos condicionados no princípio às discussões, onde o papel de uns é deslegitimar os outros. Ao longo do processo iterativo de lembrar-se de não julgar, não dar pitacos, não dar conselhos, vamos nos incentivando a permanecer e conservar o novo comportamento que permite que o outro surja de forma plena.

6.4 TCI: PROCESSAMENTO DA CONVERSA DESENVOLVIDA NA RODA

No encerramento de cada roda, a facilitadora pergunta: “O que estão levando da roda de hoje? Em uma palavra” ... Abaixo as palavras ou expressões compartilhadas pela comunidade:

Roda	O que levaram da conversa e impactos
1	Gratidão, interação e respeito pelos colegas de trabalho, paz, amor e tranquilidade no coração de todos.
2	Aprendizado. Possibilidade de falar, soltar, pôr para fora. Alívio. Tira a preocupação. Sem julgar
3	Momento, risadas, entendimento, flexibilidade, a diferença nos modos de agir, ganhou em dignidade. Os versos da música “viver é afinar o instrumento: de dentro pra fora e de fora pra dentro”
4	Conhecimento, descobrindo algumas coisas, certeza de que só depende de cada um, nossas decisões, me senti melhor, levando a amizade, a gente ter pessoas com quem falar, sozinho é muito difícil, a força do grupo, a história de vocês, a luta por algo melhor, gratidão.

Roda	O que levaram da conversa e impactos
5	Conhecimento, aprendizado. Apoio. Coragem. Experiência, poder aprender com o outro. Aprendi com eles sobre o pessoal de rua.

6.4.1 Síntese e Comentários

Notamos que, num primeiro momento, este pedido foi bastante inusitado para o grupo. Nos pareceu que as pessoas não estavam acostumadas a refletir sobre uma experiência que tinham acabado de viver, e muito menos de se expressarem sobre isso publicamente. Ao longo do tempo eles foram verbalizando mais, como que incorporando este jeito e conseguindo se expressar melhor. Os seguintes temas surgiram no compartilhamento do que levaram da TCI:

Gratidão: expressão de reconhecimento e valorização pelas oportunidades e pessoas que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e coletivo por meio de palavras como gratidão, alívio, paz, amor e tranquilidade. Os participantes demonstraram gratidão pelos colegas de trabalho, pela possibilidade de falar e soltar suas angústias, pela música que os inspirou e pela luta por algo melhor.

Interação: comunicação e relacionamento entre os participantes e com outras pessoas, por meio de palavras como interação, respeito, risadas, entendimento, flexibilidade e diferença. Destacaram a importância de interagir com os colegas de trabalho, de respeitar as diferenças nos modos de agir, de rir e se divertir juntos, de entender as necessidades e limites uns dos outros e de ser flexíveis diante das adversidades.

Conhecimento: aquisição e troca de informações, habilidades e saberes. Aqui expressos por palavras como conhecimento, aprendizado, descoberta, certeza, decisão e experiência. Os participantes relataram que aprenderam com o projeto e com os outros participantes sobre diversos assuntos, como a realidade das pessoas em situação de rua, a importância de tomar decisões conscientes, a certeza de que só depende de cada um mudar sua vida e a experiência de superar desafios.

Apoio: ajuda e incentivo recebidos ou oferecidos pelos participantes. Nesta categoria, foram encontradas palavras como apoio, coragem, amizade, falar, força e grupo. Os participantes enfatizaram o valor do apoio mútuo para enfrentar as dificuldades, a coragem que ganharam com o projeto, a amizade que construíram com os colegas de trabalho, a necessidade de ter pessoas com quem falar e a força do grupo para lutar por algo melhor.

Essas 4 palavras: Gratidão, Interação, Conhecimento e Apoio reapareceram nas entrevistas individuais que fizemos depois do encerramento das rodas e nos momentos marcantes que analisaremos mais para a frente.

6.5 DEPOIMENTO DA FACILITADORA TERAPEUTA COMUNITÁRIA

Conforme já informamos, as rodas de TCI foram conduzidas por uma terapeuta comunitária credenciada pela ABRATECOM (Marlete Bomfim Lima) e auxiliadas por uma facilitadora (Maria Fernanda V N T Costa). Apresentamos a seguir depoimento da terapeuta comunitária após a realização dessa pesquisa-ação:

A experiência com o Povo do Pão acentuou a importância desta terapia em trabalhadores, oriundos de vulnerabilidade social e lutas individuais. À medida em que as rodas foram ocorrendo, a empatia pelo colega de trabalho foi surgindo, dando espaço ao comunitário. Mesmo os que mal falavam nas rodas, traziam ao final gratidão e aprendizado, bem como um reconhecimento de si e de questões comuns nas partilhas de superação. As rodas giraram em torno do que é comum a estes trabalhadores da nutrição, resgatados da Cracolândia, no tema do estigma da droga e negação de direitos. Mas as potências surgiram do apoio recebido, da busca na fé pela vida e da reabilitação com o trabalho desenvolvido e reconhecido. Gratidão a este tão lindo e potente grupo.

Marlete Bomfim Lima, terapeuta comunitária integrativa.

A nossa história com Marlete foi muito feliz e cheia de coincidências auspiciosas. Primeiro ela me acolheu e recebeu a ideia do projeto com alegria e entusiasmo. Depois, as tardes que ela tinha livres eram justamente as que o pessoal do Pão do Povo também tinha. Sua condução das rodas de TCI foi impecável: firme, amorosa e bem-humorada. Demonstrou calma, coragem e generosidade em momentos cruciais, e como sabe cantar! Refletimos juntas, aprendi com ela sobre TCI, sobre populações em situação de rua, cidadania e trocamos sobre grupos operativos. Foi uma parceria muito poderosa que me deixou cheia de gratidão. Seu depoimento sobre o grupo está super alinhado com a minha percepção: é um grupo lindo e potente.

6.6 DEPOIMENTOS DOS PARTICIPANTES

Temas emergentes dos depoimentos dos participantes da TCI após o término das rodas, classificados em momentos marcantes

Entrevistamos os participantes individualmente uma semana após o término da última roda de TCI. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois de transcritas, foram lidas várias vezes para identificarmos momentos marcantes. Para efeito de organizar o *corpus* da pesquisa, organizamos os relatos em temas. Cada TEMA aqui refere-se à um momento que compreendemos como marcante. Os depoimentos foram reclassificados a partir destes temas emergentes e foi feita uma síntese dos depoimentos que compõem cada momento marcante.

6.6.1 TEMA 1: Reconhecer a importância dos acordos conversacionais

Síntese: A comunidade abraçou com prazer a responsabilidade de seguir os passos da conversação formulados pela TCI, muito explicitamente quanto à suspensão do julgamento,

não dar conselhos e não fazer interpretações. Seguir os passos da conversação formulados pelas TCI os fizeram respeitar mais as diferenças e opiniões dos outros, aprender a ouvir e lidar melhor com situações conflituosas. Alguns participantes relataram que conseguiram resolver problemas com colegas ou superiores de forma mais tranquila e assertiva, sem recorrer à violência ou ao desrespeito. Outros disseram que aprenderam a não julgar ou dar conselhos indesejados, mas sim a oferecer apoio e compreensão.

Seguem alguns dos depoimentos obtidos:

- *É muito bom conversar, seja pessoal ou em grupo.*
- *Está fazendo a gente respeitar uns outro, tá sabendo a hora que a gente pode brincar com o outro ou não, porque a aula mostrou que a gente, né? E está sendo muito gratificante.*
- *Eu posso falar para a pessoa que ela está me prejudicando sem que outra pessoa saiba. A pessoa sabe que ela está recebendo para ela e que outra não vai dar palpite porque a outra pessoa tipo não vai saber que é pra ela, tipo assim.*
- *Eu tô falando na primeira pessoa, então eu tô falando para mim. Então eu falo assim, eu não gosto quando ciclano mexe nas minhas coisas e não devolve. Eu vou estar me doando em falando isso. Então a pessoa que faz isso, ela vai saber que é para ela e ninguém vai poder dar palpite, então isso é muito bom, de verdade.*
- *Foi legal também ajudar mais a ouvir bastante, né? Ouvir, não julgar, né?*
- *Pra gente saber lidar melhor com o próximo, saber ouvir mais, não julgar*
- *Ajudou para saber lidar com as ocasiões, com o nosso próximo, sabendo que ele tem um pensamento diferente, tem uma opinião diferente e começar a respeitar, né? E como se posicionar com o coleguinha, como conversar sem afetar a vida dele, seja para o bom ou para o ruim, né? Porque dependendo da forma como eles se expressa a gente afeta.*
- *Então a gente tem que é escutar mais, né? Também de falar menos, não é?*
- *Há é muito conselho. Eu não quero conselho, eu quero Pix. Então, me ajudou. Porque eu aí eu falo, as pessoas lembram do que foi conversando na nossa roda. Tá, então eu sempre relembro porque, porque eu não gosto, eu tipo assim, a pessoa tá ali, sabe? Tem um se metendo na sua vida achando que é o poderoso, eu sou mais esperto.*
- *Depois daquele momento, foi tudo explicado ou conversando com ela, de aceitar as opiniões, as diferenças das pessoas, que ninguém é obrigado a suportar algo que venha de qualquer pessoa*
- *Eu respirei, e é isso, agora estou aqui te falando, não estourei, mas me deu vontade.*
- *Até isso já tem melhorado. Eles estão sabendo como se controlar e separarem os papéis aqui dentro, lá fora.*

Harlene Anderson (2022) nos fala de como estamos imersos em nossas culturas e como somos influenciados por nossa história. O quanto isso pode atrapalhar nossa escuta e nos levar a “desconsiderar, julgar, culpar ou categorizar o outro.” (p. 197) Ela ressalta também que é possível se interessar, tentar aprender com o outro, sermos verdadeiramente curiosos sobre o que ele diz. Que a escuta generosa, ouvir para compreender, pode ocorrer apenas quando estamos abertas à diferença e à singularidade do outro, sem culpabilização ou crítica. Daí a mudança quântica que acontece quando as pessoas conseguem parar de julgar: O alívio da

aceitação, inclusão e acolhimento acontece no grupo. E como isso é notado, reconhecido e valorizado.

6.6.2 TEMA 2: Enxergar o outro e fortalecer os vínculos interpessoais

Síntese: Os relatos individuais expressam como os encontros da TCI ajudaram na convivência, a melhorar o clima organizacional (que está mais calmo) e nas relações entre os participantes. Eles relatam como ficaram conhecendo melhor o outro, como mudaram de atitude e de percepção em relação aos colegas, com mais empatia e solidariedade. Contam como conseguiram superar conflitos e picuinhas, respeitar mais as diferenças e se entrosarem. As conversas nestes moldes também ajudaram a fortalecer os laços de amizade e confiança entre eles, que se sentiram mais valorizados e acolhidos.

Depoimentos obtidos:

- *A vontade era mesmo de estourar e que ela conseguiu respirar: Que que o M faria? Não? Então, foi a partir desse daquele momento, né, que ela estava envolvida, né? E a partir dali eu acho que ela melhorou bastante.*
- *Pude conhecer o outro lado dos meus colegas, né? A gente pôde em vez de só ter o tratamento profissional, a gente pôde conversar também, e ver o pessoal de cada um.*
- *Olha, eu achei que foi muito bom essa terapia conjugal, porque fez que a gente conhece um pouquinho de cada acolhido do professor. Deu para a gente saber a angústia que cada um passa.*
- *No modo de convivência, no modo de enxergar o próximo.*
- *Mais respeito a gente está tendo.*
- *Tô achando a galera mais calma. Mais respeito, é.*
- *Um respeito bom, agora da parte deles, sabe, não com eles vim com uma palavra agressiva, alguma coisa assim, pelo jeito, pela atitude.*
- *E fortaleceu mais porque a gente conversa mais. Aquela conversa que a gente não tinha antes. Acho que a gente tá um pouco mais entrosado, a gente está mais focado, né? Antigamente era um negócio meio que não era legal, era insuportável, tinha briga, tinha discussão. Todo dia tinha 2 se pegando, inclusive eu estava nessa. Né? E aí trouxe isso, não é?*
- *E tudo começa pelo respeito, a gente precisa mesmo disso, é saúde. Primeiro é saúde mental, saúde espiritual e saúde física.*
- *Essa visão de quebrar um pouco o ego, quebrar o orgulho, quebrar tudo aquilo que nos torna mais impotentes, assim, impotentes, que nos cega diante ao próximo, ao ver a situação do próximo. Próximo, está precisando de uma palavra, de um abraço, não é?*
- *Talvez isso lembre, né, que tem um coleguinha do trabalho, né?*
- *Porque é, é notório, sabe o envolvimento deles uns com os outros.*
- *A gente nota que melhorou muito a convivência de todos e eu naquele exato momento, eu estava com um peso grande na minha cabeça, lá no fundo, um algo que estava me pegando e a partir daqueles encontros nossos eu consegui não expor o que eu estava passando, mas inclusive, a pessoa com quem eu estava com problema, estava junto ali e serviu para os 2, serviu muito para os 2, nos reaproximamos. É, resolvemos nossas diferenças. O que tinha acontecido, tudo a partir daqueles encontros, nós conseguimos resolver os problemas.*
- *Não tem mais aquelas picuinhas.*
- *Continuar? Ah eu gostaria que não parasse, entendeu? Assim: fizessem em grupo, em equipe. Né? Porque nós semos uma equipe.*

Estes depoimentos nos fazem lembrar de Gayotto e Domingues (2000) quando falam sobre como se constrói um grupo, ou seja, do movimento que vai da serialidade – um agrupamento de pessoas que compartilham um objetivo comum e cada um está focado apenas em suas próprias necessidades – para a grupalidade, onde as necessidades tornam-se comuns e as pessoas se articulam para concretizar estes objetivos. “O grupo se constrói em um caminho dialético de produção. Há um processo em permanente interdependência e mútua reciprocidade das pessoas na ação.” (GAYOTTO; DOMINGUES, 2000, p.33) Na comunidade O Pão do Povo da Rua, pudemos observar essa produção quando eles relatam que foi bom conhecer a angústia que cada um passa, que não tem mais picuinhas, que estão mais focados, quebrando o que nos cega para ver o outro, mais envolvidos e entrosados. Este resultado mostra que nosso objetivo de promover vínculos e ações colaborativas e de diálogo entre os participantes foi atingido.

6.6.3 TEMA 3: Expressar-se, mudar a visão de si mesmo e se aceitar

Síntese: Os participantes das conversas relataram que elas foram uma oportunidade de se expressar, de falar sobre seus medos, receios e aflições, de colocar o que pensavam e sentiam. Eles também disseram que se sentiram ouvidos, reconhecidos e valorizados pelos outros, que puderam se abrir e se reconhecer. Além disso, eles afirmaram que as conversas contribuíram para a sua transformação pessoal, para a resolução de problemas e para a busca de uma vida mais estável, saudável e consciente.

Depoimentos obtidos:

- *Não guardar nossas aflições né? E sempre ser aberto, né? Se permitir ser aberto. Por mais que eu não demonstre muito isso.*
- *Para mim foi experiência muito boa, né, que eu nunca tinha tido. Foi a primeira vez. Foi uma experiência nova que eu aprendi.*
- *A gente teve a oportunidade de se expressar, de expressar nossos medos, nossos receios né? Para mim foi ótimo.*
- *A gente é mulher, aí num mundo cheio de homem.*
- *Aí eu queria continuar muito. Eu acho muito importante, muito top*
- *Aí a gente gostou bastante*
- *A gente colocou o que a gente pensava, a pessoa que estava com as coisas entaladas, né? E não conseguia uma forma de ser ouvida, expressada e as pessoas acabou, né? Nessa reunião acabou expondo o sentimento, o que sentia, do que o coleguinha fez... Serviu mais para... É ajudou, né?*
- *Tem dias assim que é até como qualquer outro dia, a gente não está naquele apetite, mas faz parte. A gente tem que é aprender a entrar na sociedade, isso aí é um. Como se fala: que a gente está construindo para ter uma independência financeira para a gente ter uma vida mais estável, uma vida com mais saúde, com mais consciência, né?*
- *Aí para mim fez uma diferença, porque sim, porque a gente aí ficar dando conselho, sabe? Aquele veado é um burro, não sabe mal e mal ler. Então a aquilo me soltou, eu sei que tem pessoas que se incomodam com a gente, entendeu? Incomoda, mas eu nem ligo mais.*
- *A reunião pra mim isso foi maravilhosa.*
- *Porque eu tive conhecimento, entendeu, eu reconheci e me reconheci.*

- *Eu tipo, assim eu pude me abrir, pude falar. E pude me reconhecer.*
- *Queria que também fizesse um particular com nós, porque cada um tem aquele lado obscuro dele, entendeu? Eu tenho, então acho assim que pode me ajudar, porque tem vezes que eu me sinto uma ovelha. Mas quem está me pilotando? É um lobo, um monstro. Então, não posso deixar isso me controlar, entendeu? Não posso. Então para isso eu preciso de uma ajuda legal.*
- *Porque eu falei ali de coisas obscuras, é como eu me sentia em relação à ansiedade, coisa que talvez em qualquer outro lugar eu não me sentia à vontade de falar.*
- *Eu tive a expressão, né? Eu tive como me expressar. Eu tive como falar para alguém. E aquilo surgiu importância para alguém, aquilo que o meu momento surgiu importância para alguém, nas rodas, não é?*
- *Eu pude me expressar e era o que estava faltando: expressão. É, eu precisava dizer o que eu estava sentindo. Eu precisava dizer o que estava acontecendo na minha vida. Já estou basicamente estruturado, e aquilo serviu como uma estrutura ainda maior, essas conversas. Eu me escutei quando eu falo, eu não falo só pra você, eu falo pra mim também, eu me escuto e eu me sinto bem. Eu me sinto bem. Isso foi importante para mim de verdade, é muito importante.*
- *Esses encontros foram muito bons e assim, essenciais para a transformação de cada um, eu resolvi problemas, questões minhas daqui de dentro.*

Esses relatos nos remetem ao livro *Habitar Humano* em que seus autores, Maturana e Dávila (2009), conversam sobre o quanto a dor e o sofrimento surgem das negações geradas pelo viver numa cultura centrada em relações de dominação e subjugação, competição e exigência, desconfiança e controle. Precisamos agir de determinada forma para sermos vistos, sermos ouvidos. Assim, vamos nos calando, vamos nos conformando e nossa expressão vai se atrofiando. Quando abrimos um espaço de confiança onde temos presença, nossa necessidade de expressão transborda e emerge a alegria de ser aceito, algo que muitos de nós raramente experimentamos ao longo da vida. Este aspecto se relaciona com nosso objetivo de reforçar a autoestima dos participantes e de abrir um espaço onde seja possível ouvir a si mesmo e aos outros, ressignificando vivências, conquistas, potencialidades e sofrimentos. Tudo isso pudemos encontrar ao longo de nossos encontros com os participantes dessa pesquisa. Pudemos testemunhar o desenvolvimento da escuta generosa, do respeito e do olhar apreciativo.

6.6.4 TEMA 4: Criar um espaço plural de acolhimento e colaboração onde um pode aprender com o outro

Síntese: Os participantes relataram que o espaço criado foi uma oportunidade para trabalhar as desavenças. Eles destacaram que o clima do ambiente mudava quando se reuniam, pois havia uma tentativa de se acertar e de se unir. Eles também afirmaram que aprenderam muito com as experiências e as sugestões compartilhadas, que serviram para tirar dúvidas, resolver conflitos e evitar estresse. Eles se sentiram acolhidos, à vontade e bem com a comunicação e a interatividade com a “galera”. Eles manifestaram o desejo de que as rodas de conversa continuassem, pois estavam fazendo bem para eles.

Depoimentos obtidos:

- *Tentar se acertar. Às vezes é muita desavença dentro da casa, então acho que a gente teve um tempo para tentar apaziguar esse lado aí.*
- *Aí quando vocês chegavam era outro clima, não é? Porque todo mundo se juntava e tinha que se acertar então eu curti por causa disso.*
- *Mudava um pouco o clima, era muito bom.*
- *eu contei um pouco da minha vida, ninguém deu palpite, todo mundo escutou, então isso foi muito bom e eu queria muito que continuasse com essas aulas, porque está fazendo a gente bem.*
- *A gente poder se sentir à vontade para dizer coisas que nos interferia, né?*
- *Eu posso, posso ajudar sim*
- *Aí, prefiro estar ali só escutando, quietinho*
- *Aprendi muita coisa e depois fiquei com muitas, muitas muitas sugestões que foi dada, né?*
- *tirei umas dúvidas que eu tinha em mente, sentimentos que eles põem para fora, que serviram para mim também, junto*
- *É de um escutar o outro e não julgar e também sobre os temas também que foi... para a gente não... às vezes não ficar estressado por coisas que não vale a pena*
- *Então ele aprendeu ter um pouco desse sentimento de união que a gente tamo aqui é pra que a gente precisa um do outro, né? Ele tem que, se a gente fizer aquela corrente, né?*
- *comunicação e interatividade com a galera*
- *Eu me senti bem à vontade, acolhida por todos*
- *Eu adoraria, Pra mim ia fazer muito bem, até porque eu acho que conversando assim, ainda mais com pessoas que sabem, entende o que você está passando. A gente acaba, sei lá, evitando assim algum dano futuro ou uma depressão, sei lá, prá mim seria gratificante, ajudaria bastante.*
- *Sim, conversando com umas pessoas que eu não conhecia, mas como se tivesse chegando e conversando normal, tranquilo com a mente boa, sem maldade nenhuma, como todo mundo querendo o bem do outro, né? É legal, importante.*
- *Porque eu acho que serviu de exemplo para outras pessoas que ouviram e eu me ouvi.*
- *É a partir daquele encontro onde teve aquela discussão por causa da maconha, aonde o menino se revoltou? Sim, que não queria participar das pessoas fumando maconha nas empresas que ele trabalha, levantou toda aquela discussão, né? De ah vou te caguetar, comando, né?*

Este tema nos remete ao conceito de aprendizado colaborativo definido por Anderson e London (2017) como uma abordagem relacional e conversacional, na qual cada membro da comunidade de aprendizado, educadores e alunos, contribui para a produção de um novo aprendizado (conhecimento, habilidades, competência), incluindo a sua integração e aplicação e dividindo as responsabilidades de tudo isso. Aqui no caso da TCI, todos são aprendentes e ensinantes (BARRETO, 2008), se beneficiam do compartilhamento de experiências de vida e saem transformados.

6.6.5 TEMA 5: Apreciar a leveza, o lúdico e o trabalho com o corpo

Síntese: O grupo se sentiu mais acolhido e motivado com as dinâmicas propostas pelas psicólogas, que trouxeram leveza, diversão e estímulo. O grupo resgatou o que podemos denominar de a criança interior, que às vezes se apaga no cotidiano, e se sentiu gratificado e maravilhado com a experiência. O grupo também percebeu uma maior proximidade e afeto

entre os colegas, que se refletiu em gestos simples como abraços e toques. O grupo acredita que essa dinâmica pode ter mudado a forma como se relacionam e se lembram uns dos outros.

Depoimentos obtidos:

- *A gente não teve tantas experiências com as outras psicólogas, igual essa com vocês que tem dinâmica, tem tudo pra ajudar a gente, mais leve também.*
- *Achei divertido as dinâmicas que a gente fez. Foi muito legal, estimulou bastante. Assim, uma coisa que às vezes a gente deixar apagar, que é a criança que a gente tem. E para mim foi muito gratificante, maravilhoso.*
- *Talvez ficar abraçado um com outro*
- *Talvez essa simples brincadeira de cada um ter segurado o braço do outro, eu acho pra mim talvez tenha mudado por aí, eu acho. Os coleguinhas lembrarem do outro. Pra mim foi isso.*

Maturana e Zöller (2004) nos alertam que o patriarcado deslegitimou o brincar e o lúdico como modos de viver vitalícios para nós seres humanos. Viver no amar e no brincar transformou-se para o ser humano moderno tanto num problema (porque buscamos segurança e controle como modos de vida) quanto numa virtude (perdeu a espontaneidade, transformando-se em algo especial, a ser buscado). A TCI resgata a música, a cultura e a brincadeira como etapas naturais dos processos grupais. A princípio as pessoas podem estranhar, mas quando se rompe a resistência e quebra o paradigma do controle, podem encontrar a leveza e a alegria de viver expressa em cantar e dançar juntos.

6.6.6 TEMA 6: Mudar na política institucional e relacional

Síntese: Após uma conversa da pesquisadora com as lideranças da instituição, eles mudaram sua visão sobre a forma como estavam lidando com a questão de redução de danos e reviram a conduta sobre comportamentos adequados, deixando mais clara uma regra do que é esperado dos colaboradores enquanto estão dentro do prédio e vestindo uniforme do Pão do Povo da Rua.

Um outro ponto marcante no que se refere ao contexto relacional foi observado no depoimento de um dos participantes que conseguiu ajudar uma amiga (presente em uma das rodas) que estava em situação de vulnerabilidade e risco de suicídio, indicando-a para um emprego na instituição. Ele confessou que, inicialmente, tinha interesse amoroso por ela, mas depois descobriu sua história de vida e passou a apoiá-la como amigo.

Depoimentos obtidos:

- *Assim teve o positivo porque já não existe mais (...). Foi aquela conversa que nós tivemos, eu você e o professor Ricardo, depois eu saí, você ficou lá com ele? Ele entendeu a questão da redução de danos, aí virou essa chave nele também. (...)Então agora eles ainda estão se adaptando ainda. É porque a questão de humor, não a questão de humor de né sabe (...)Ainda tem alguns que ficam de mau humor. Isso, e foi o que fez virar a chave, então entrou com uma empresa mesmo, não pode mais (...)*

- *Eu não tive a chance de revelar no dia da última roda. Eu lembro que eu comentei. Que alguém me ligou chorando, eu que eu ajudei, você conheceu. Ela estava do meu lado. Ela foi contratada, falei com o M para ajudar ela, Mano, traz ela pra trabalhar. Ela está a ponto de se matar cara, e eu não vou me perdoar se essa menina fizer isso. Sim, eu não sabia da história dela quando eu conheci ela, sim, fui pela beleza dela, realmente. Eu tinha uma outra intenção, aham, mas...*

Algo muito frustrante do papel da facilitadora de grupos e de consultora organizacional é quando nos deparamos com um grupo que se recusa a refletir. Ouvimos muitas vezes que “queremos mudar, *pero no mucho*”. Estão tão atolados com questões operacionais, metas e políticas que simplesmente não param (e não querem fazer uma pausa). Não há tempo. Aqui, no Pão do Povo da Rua, bastou uma conversa para que as lideranças resolvessem fazer uma mudança nas regras de conduta. Gayotto e Domingues (2000) dão a ocorrência como esta o nome de problematização do cotidiano.

O cotidiano é um espaço, um tempo, um ritmo. A problematização do cotidiano configura-se em uma experiência que supõe novas relações de trabalho e de poder, flexibilidade na assunção e atribuição de papéis, transformações na comunicação e na cooperatividade dos grupos. A problematização do cotidiano implica em questionar os fatos, para a partir deles, explorar os significados mais profundos que envolvem as relações de trabalho. (GAYOTTO; DOMINGUES, 2000, p.59)

As lideranças do Pão do Povo da Rua demonstraram que estão dispostas a ressignificar e questionar a forma como trabalham hoje no sentido de desenvolver e fortalecer a organização para enfrentar os desafios do futuro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve um significado muito especial para mim. O fato de eu ter conhecido este grupo como “mãe da estagiária autista” nos deu uma qualidade de relação muito diferente da que normalmente começamos quando damos consultoria ou facilitamos grupos. Começamos com eles acolhendo minha filha e a mim. E esse acolhimento frutificou no sucesso do estágio, tanto por parte dela, que se sentia “muito bem tratada” quanto da parte deles que criaram um carinho pela Regi. Essa relação de respeito mútuo batizou nossas interações futuras, tanto que no primeiro encontro, quando lembrei aos que não me conheciam que era “mãe da Regi” o clima se transformou, ficou mais relaxado, gostoso e íntimo.

Realizar um processo de integração de equipe que estou acostumada a fazer em todo lado, colocar tudo que aprendi nesses 40 anos de profissão a serviço de uma comunidade que, a meu ver, realiza um trabalho importantíssimo na cidade de São Paulo, foi extraordinário. Cuidar de quem cuida de quem mais precisa e poder contribuir com estas pessoas neste momento da cidade, do Brasil e do mundo fez meu coração cantar.

A escolha da TCI me parece ter sido um encaixe perfeito para atingirmos nossos objetivos, tanto no sentido de organizar um espaço conversacional colaborativo-dialógico da comunidade, porque a TCI organiza a conversa, quanto de fomentar a prática do espaço conversacional como lugar de encontro, escuta, acolhimento e reflexão do grupo, com o sentido de ampliar a consciência e autonomia da equipe. Ainda não tinha tido experiência com rodas dentro de organizações sempre com as mesmas pessoas. E eles aproveitaram a roda para tratar de questões pessoais, de relações entre duas ou três pessoas, sem ter que expor o outro ou criar conflito. Se apropriaram da proteção que a roda de TCI representou para não precisar tratar assuntos delicados individualmente também. Durante o processo dos cinco encontros, nós facilitadoras sentíamos que havia “recados sendo dados” e não sabíamos das histórias que ocorriam nos bastidores, ou durante a semana, como eles relataram posteriormente. Apenas no momento pós-rodas ouvimos depoimentos de como estavam funcionando e como isso foi válido para eles.

As interações nos parecem ter sido apreciativas e generativas. Nos processos generativos ou apreciativos (dos quais a TCI faz parte), a forma da comunicação e a aprendizagem em grupo reconfiguram o lugar de cada participante (SCHNITMAN, 2015). Vivemos com a equipe do Pão do Povo o surgimento de uma comunidade colaborativa autônoma, que aprende fazendo; uma comunidade engajada e competente, que investiga tanto o consenso quanto o dissenso, aproveita generativamente a diversidade para desenvolver

recursos e criar possibilidades. Ainda segundo Schnitman (2015), os participantes de processos desse tipo recuperam poder, na medida em que se reafirmam mutuamente como capazes de gerar opções, aprender e avançar na direção desejada. Fazendo uma leitura conforme Paulo Freire (1987, 1996) ressalta, os participantes aprendem como aprender, como criar projetos, narrativas, soluções e processos para transformar suas circunstâncias e a si mesmos por meio da colaboração, do diálogo e do aprendizado. Em suma, eles participam da criação de novos mundos pessoais, interpessoais e sociais.

Grandesso (2015) nos chama a atenção para um aspecto relevante que se deve pensar, ao analisar uma comunidade como um cenário de interações: um grupo de pessoas só forma uma nova realidade interacional quando os participantes desenvolvem um senso de identidade grupal após valorizar o que foi compartilhado. Gergen (2011) acredita que reconhecer as realidades construídas localmente como “nossas” é um passo importante para a conexão com os outros, mas para ele, o elemento crucial é o “encantamento”. É o encantamento, afirma ele, que confere à unidade, seja ela um casal, um time, um clube ou uma organização, seu valor. Mas para isso é necessário encontrar sentidos em comum, que segundo Gergen, atribuem à unidade em questão um senso de importância transcendente. Segundo ele, tal importância não vem da presença específica de indivíduos únicos, mas da convergência dos envolvidos no processo.

Assim, pode-se compreender que uma comunidade existe quando é identificada como tal. Mais do que ter um nome que a defina, um grupo se torna uma comunidade à medida que as pessoas criam sentidos capazes de provocar o encantamento, despertando o desejo de pertencer e mantendo-o vivo. Para isso, conversas significativas criam na linguagem uma espécie de “cola” relacional onde uma existência, mais ou menos intensamente, se liga à outra, variando de acordo com os laços entre os indivíduos participantes. Rituais de reconhecimento desenvolvem ontologias que constroem sua história de unidade e a das pessoas que a integram. Curiosamente, sua continuidade, como uma unidade, depende muito mais de preservar o encantamento vivo, o que envolve afeto e cuidado; e menos da participação específica dos em questão. Assim, uma comunidade pode seguir existindo apesar da mobilidade que as pessoas possam ter em um fluxo mais ou menos aberto de entradas e saídas, dependendo de regras relacionais que constroem acordos entre os envolvidos.

Testemunhamos como o projeto do Pão do Povo da Rua tem esse dom de encantar. A forma como surgiu e foi se co-construindo com quem foi se juntando. A capacidade de atrair e dar

sentido às contribuições de simpatizantes, amigos, colaboradores, voluntários, madrinhas e padrinhos que estão sempre colaborando e contribuindo das mais variadas formas.

Agora, o desafio é manter a chama acesa e o início desse trabalho de integração do grupo e de conversas generativas consideramos um marco importante.

Como diz Cristi (2023),

o respeito se vive respeitando, a honestidade se vive na conduta honesta; o respeito gera mútuo respeito, a honestidade gera mútua confiança, e o mútuo respeito e a confiança mútua geram colaboração; o mútuo respeito, a confiança mútua e a colaboração abrem o espaço para a co-inspiração na criatividade geradora de bem-estar individual-social-ecológico num viver e conviver que redundam naturalmente na harmonia da relação antrosfera-biosfera.

A oportunidade de expressão, de valorização e apreciação de si e do outro foi me fez lembrar desta música de Charlie Brown Jr, “Dias de Luta, Dias de Glória”: Foi aparecendo como necessitamos de conversas para contar histórias, tanto boas, de superação quanto tristes, de frustração. A expressão é terapêutica nos dois sentidos. Tomo emprestadas partes dessa canção como metáforas dos significados construídos ao longo desse trabalho.

Canto minha vida com orgulho, na minha vida nem tudo acontece, mas quanto mais a gente rala mais a gente cresce.

Quantas equipes que trabalham juntas não se dão o direito de pausa para refletir. Refletir para questionar, para poder mudar, para evoluir. Pausa para ver o outro, se conhecer, pausa para descobrir e sonhar juntos.

Hoje estou feliz porque eu sonhei com você, e amanhã posso chorar por não poder te ver mais, o seu sorriso vale mais que um diamante, se você vier comigo, aí nós vamos adiante, com a cabeça erguida e mantendo a fé em Deus, o seu dia mais feliz vai ser o mesmo que o meu.

O quanto fomos capazes de nos abirmos para aprender um jeito novo de nos relacionarmos. Na escuta generosa, no respeito pela fala do outro, no silêncio para ouvir. O quanto a gente valorizou a oportunidade de aprender juntos.

A vida me ensinou a nunca desistir, nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir.

Finalmente, como pudemos nos aproximar, no corpo e no espírito, deixar de lado as picuinhas e nos enxergarmos como lutadores, gloriosos, capazes de tantas conquistas.

Podem me tirar tudo que tenho, só não podem me tirar as coisas boas que eu já fiz pra quem eu amo. E eu sou feliz e canto, o Universo é uma canção, e eu vou que vou, História, nossas histórias, Dias de luta, dias de glória.

8 REFERÊNCIAS

ANDERSON, H. Escutar: uma perspectiva de prática colaborativo-dialógica. *In: GRANDESSO, M. A. Construcionismo Social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras*. 1ª. ed. Curitiba: Editora CRV, 2022. cap. 12, p. 195-199.

ANDERSON, H.; LONDON, S. Aprendizado colaborativo: ensino de professores por meio de relacionamentos e conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, São Paulo, v. 21, n. 43, p. 22–37, Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/263>. Acesso em: 12 jul. 2023. 2017.

ANDRADE, Z. P. Entrevista: Conheça mais sobre a Terapia Comunitária Integrativa (TCI). *In: ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca*. Rio de Janeiro, 20 abr. 2022. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/52968>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BARRETO, A. P. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: LCR, 2008.

BOCCHINI, B. Entidades pedem projeto federal na Cracolândia: Para elas, ações da prefeitura e do governo de SP não têm resultados. *In: Geral*. Agência Brasil, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/entidades-pedem-projeto-federal-na-cracolandia>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BRAGA, T. Pão nosso. *Revista Piauí*, São Paulo, ed. 199, Abril 2023.

COLLIER, T. N. **Pedra, papel e tesoura: direitos humanos, redução de danos e política pública na Cracolândia de São Paulo**. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

COOPERRIDER, D. L.; WHITNEY, D. **Investigação Apreciativa**: uma abordagem positiva para a gestão de mudanças. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

CRISTI, I. M. Entrelaçamento de sete âmbitos de reflexão-ação numa matriz biológico-cultural: Democracia, Pobreza, Educação, Biosfera, Economia, Ciência e Espiritualidade. *In: Matriz Ética do Habitar Humano*. Santiago, 9 abr. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/3619988/Matriz_Etica_do_Habitar_Humano. Acesso em: 12 jul. 2023.

CYRINO, A. P. *et al.* Ensino na comunidade e inteligência coletiva: partilhando saberes com o WIKI. *In: Revista brasileira de educação médica*. [S. l.], Março 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022012000200009>. Acesso em: 12 jul. 2023.

DIAS de luta, dias de glória. Intérprete: Charlie Brown Jr. Compositor: Chorão e Thiago Castanho. In: SINGLE. São Paulo: Virgin EMI, 2006. Single, faixa 1 (2 min 25 segs.).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. (17ª. edição, 1987) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FURIM, M. M. F. S.; CASTORINO, A.; SELUCHINESK, R. D. R. Leitura do mundo e leitura da palavra em Paulo Freire. **Revista Humanidades e Inovação** v.6, n.10. 2019.

GARCÍA, A. G.; GRANDESSO, M. **Community in Conversation: Generating Collaborative and Dialogic Conversations in Community Contexts**. In: Collaborative-Dialogic Practice. Routledge, p. 103-115. 2022.

GAYOTTO, M. L. C.; DOMIGUES, I. **Liderança: aprenda a mudar em grupo**. 4ª. ed. São Paulo: Vozes, 2000. v. 1.

GERGEN, K. J. **Relational Being: Beyond Self and Community**. Oxford, WA: University Press, 2011.

GOMES, R. **Quadro da fome na cidade de São Paulo é um dos mais graves da história**. Dossiê produzido pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara aponta para uma crise humanitária sem precedentes que leva pessoas a pedir ajuda nas UBSs. Rádio Brasil Atual. 2022.

GUANAES, C. **A Construção da Mudança em Terapia em Grupo: Um Enfoque Construcionista Social**. 1ª. ed. São Paulo: Vetor, 2006.

GRANDESSO, M. **Integrative Community Therapy**. Constructing Possibilities in Community Contexts through Dialogue and Shared Knowledge. *AI Practitioner*. v.17, n.1, p. 33-37. 2015.

_____. **Integrative Community Therapy: A Collective Space of Dialogical Conversation and Collaborative Exchanges**. *Social Constructionist Perspectives on Group Work*. Taos Institute Publication. P.123-133. 2015.

_____. **Integrative Community Therapy: Creating a Communitarian Context of Generative and Transformative Conversations**. *The Sage Handbook of Social Constructionist Practice*. SAGE Publications Ltd P. 183. 2020.

HAAN, K.; RIEDL, C.; WOOLLEY, A. **Discovering Where We Excel: How Inclusive Turn-Taking in Conversation Improves Team Performance**. In Companion Publication of the 2021 International Conference on Multimodal Interaction (ICMI '21 Companion), October 18-22, 2021, Montreal, QC, Canada. ACM, New York, NY, USA, 8 Pages, 2021.

LÉVY, P. A. **Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 10ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LOPES, L. **SP tem quase 7 milhões passando fome**, Um estudo divulgado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), Agência Brasil, 14 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sp-tem-quase-7-milhoes-passando-fome-aponta-pesquisa-veja-outros-estados/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

LOVADINI, G. **Soluções para a Cracolândia devem passar por políticas públicas adequadas, e não se limitar à responsabilização exclusiva dos usuários**, Jornal da Unesp, Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/03/29/solucoes-para-a-cracolandia-devem-passar-por-politicas-publicas-adequadas-e-nao-se-limitar-a-responsabilizacao-exclusiva-dos-usuarios/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MADRUGA, C.S. *et al.* **Levantamento dos frequentadores de Cena de uso da região da Luz – Cracolândia. Perfil dos frequentadores da Cena de Uso da Região da Luz - Cracolândia**. LELUCA. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/noticias/levantamentos-e-pesquisas/leluca-levantamento-de-cenas-de-uso-em-capitais/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MATURANA, H. R.; DÁVILA, X.Y. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MATURANA, H. R.; ZÖLLER, G. V. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MELLO D. **O crack não existe**. Craco Resiste. Disponível em: <https://medium.com/@cracoresiste/o-crack-nao-existe-e052fd5d7709>. Acesso em: 13 jul. 2023. 2017.

MOGGI, J.; BURKHARD, D. **O Espírito Transformador – A essência das Mudanças Organizacionais no Século XXI**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2005

Observatório Brasileiro de Políticas Públicas com a População em Situação de Rua. Disponível em: https://obpoprua.direito.ufmg.br/sobre_observatorio_brasileiro.html Acesso em 20 Jun. 2023.

PASCHOAL, V. N. **O uso de metáforas em Terapia Narrativa: Facilitando a Construção e Novos Significados.** Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jsui/handle/handle/29705>. Acesso em 9 jul. 2023. 2012.

PASCHOAL, V. N.; GRANDESSO, M. **O uso de metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados.** Nova Perspectiva Sistêmica, São Paulo, v. 23, n. 48, p. 24–43, 2016.

RASERA, E. *et al.* **Pesquisa como prática social: o pesquisador e os “outros” na produção do conhecimento.** Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002861726>. Acesso em 9 Jul. 2023. 2016.

RIOS, A.S. **Maturana: sem cooperação e alteridade, não há futuro.** Outraspalavras. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/maturana-sem-cooperacao-e-alteridade-nao-ha-futuro>. Acesso em 9 Jul 2023.

ROCHA, I.A. *et al.* **Terapia comunitária integrativa: situações de sofrimento emocional e estratégias de enfrentamento apresentadas por usuários.** Revista Gaúcha de Enfermagem. v. 34, n. 3, pp. 155-162. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472013000300020> Acesso em: 5 junho 2023. 2013.

SCHNITMAN, D. F. **Appreciative and Generative Perspectives.** Points of Convergence in a Productive Dialogue. *AI Practitioner*. v. 17, n. 1, p.14-20. 2015.

SHOTTER, J. **Conversational realities: constructing life through language. (Inquires in social construction).** London: Sage (Originalmente publicado em 1993). 2000.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação,** Campinas: Cortez Editora, 2ª ed. 1986.

VANNUCHI, C.; CAMARGO, S. **Fome: como enfrentar a maior das violências; A Terra é plena: como alimentar o mundo e cuidar do planeta** 1. ed. São Paulo: Editora Discurso Direto, 2022.

ZENGER, J.; FOLKMAN, J. **Three Myths About Your Strengths.** Harvard Business Review. Disponível em: <https://hbr.org/2013/07/three-myths-about-your-strengths>. Acesso em: 5 junho 2023. 2013.

9 ANEXOS

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Sou aluna da disciplina de Terapia Familiar e de Casal: Intervenções sistêmicas em Diferentes Contextos, da PUCSP. Eu e minha orientadora, Profa. Dra. Marilene A Grandesso (CRP 1860/06) convidamos o(a) senhor(a) a colaborar nesse trabalho que faz parte de minha monografia de conclusão de curso intitulada “Cuidando do Povo do Pão: Organizando um espaço conversacional colaborativo-dialógico entre participantes de um projeto social no centro de SP”.

Esta pesquisa tem como objetivo criar um lugar de encontro, escuta, acolhimento e reflexão do grupo de colaboradores do projeto Pão do Povo da Rua bem como promover vínculos e ações colaborativas e de diálogo entre os participantes. A metodologia a ser utilizada será a realização de rodas de conversa de acordo com a metodologia da Terapia Comunitária Integrativa.

As atividades – rodas de conversa com duração de duas horas, em média – terão lugar na sede do Pão do Povo da Rua (Rua Dr. Pedro Arbues Nro.147, São Paulo) às 2as feiras à tarde, a partir de maio/2023. O resultado deste trabalho será apresentado para uma banca na PUCSP, em palestras acadêmicas e publicado como artigo em revistas especializadas e livros. Esclarecemos que o nome da instituição, se o(a) senhor(a) consentir, será divulgado no trabalho, mas, manteremos sigilo sobre a identidade dos participantes.

Esclarecemos ainda que o(a) senhor(a) poderá desistir do processo a qualquer momento se optar por isso, sem qualquer ônus. As atividades serão gravadas apenas para uso na pesquisa e o resguardo da identidade dos participantes será mantido, de acordo com o sigilo que faz parte do código de ética profissional. Quaisquer dúvidas podem ser colocadas e serão esclarecidas pelo e-mail mafeteco@gmail.com ou telefone (011) 983571112.

Me. Maria Fernanda V. N. T. da Costa
RG 10.315.898
Pesquisadora de campo

Dra. Marilene A. Grandesso
CRP. 1860-06
Orientadora

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da realização da pesquisa na instituição Pão do Povo da Rua na pesquisa e concordo em participar.

São Paulo, 05 de abril de 2023

NOME e RG.

ANEXO II REGISTRO DAS RODAS DE TCI

ENCONTRO 1 * 24/04/2023

Integrantes da Equipe:

Nome	Etapa da terapia Comunitária desenvolvida
Maria Fernanda T Costa	Acolhimento / Encerramento
Marlete Bonfim Lima	Acolhimento / Aquecimento / Escolha do Tema / Contextualização / Colheita / Encerramento

Localização:

Local e endereço da TC	Data	Horário
Pão do Povo da Rua	24/04/2023	15h00 às 16h40
Rua Dr. Pedro Arbues 147		

Participantes

Número total de participantes	Número de participantes novatos	Faixa etária
14	0	21 a 62 anos

Celebrações:

Alguém tem um motivo para celebrar?	Estou indo para o 7º ano, mais uma conquista. Ter um colchão, estar cheiroso. Ter mais um dia de vida. Tenho TV de plasma. Ter um trabalho. Participar de um jogo com os amigos.
-------------------------------------	--

Temas / Mote

Temas apresentados	Tema escolhido	Mote
<ul style="list-style-type: none"> • Impotência de lidar com comportamento (destrutivo) do outro • Sentimento de traição • Dificuldade em lidar com meu lado obscuro, minha sombra 	(01)	“Quem aqui já teve uma dificuldade de lidar com o outro, se sentiu impotente diante de um comportamento difícil do outro e o que fez para mudar ou esta fazendo para melhorar?”

Estratégias de Enfrentamento apresentadas pela Comunidade

F. trouxe, quando está em situação de vulnerabilidade diante das drogas e situação de rua, achando que era o fim. Impotente. Aí encontrou uma porta. Ele pediu isso a Deus, usou a fé como instrumento, conseguiu se reerguer e trabalhar num lugar que nutre, um lugar que alimenta. Fé e trabalho como fatores de proteção e estímulo para sua mudança.

C. trouxe a dificuldade de lidar com sua agressividade, diante do comportamento do outro, de não conseguir falar e se expressar de maneira objetiva. Mas está aprendendo que poder falar sobre isso com clareza, refletindo a respeito e buscando a adaptação em equipe.

Processamento: O que os participantes levam da TCI

Gratidão, interação e respeito pelos colegas de trabalho, paz, amor e tranquilidade no coração de todos.

ENCONTRO 2 * 08/05/2023**Integrantes da Equipe:**

Nome	Etapa da terapia Comunitária desenvolvida
Maria Fernanda T Costa	Observação
Marlete Bonfim Lima	Acolhimento / Aquecimento / Escolha do Tema / Contextualização / Colheita / Encerramento

Localização:

Local e endereço da TC	Data	Horário
Pão do Povo da Rua	08/05/2023	16h00 às 17h00
Rua Dr. Pedro Arbues 147		

Participantes

Número total de participantes	Número de participantes novatos	Faixa etária
12	1	21 a 62 anos

Celebrações:

Alguém tem um motivo para celebrar?	Vou tirar passaporte, tirei uns dias em Porto Seguro, ter chegado até aqui, estar vivo, a parede, a construção que estamos fazendo juntos, pintando as paredes. Uma viagem para Buenos Aires na semana que vem.
-------------------------------------	---

Temas / Mote

Temas apresentados	Tema escolhido	Mote
<ul style="list-style-type: none"> • Perda de Controle • Ansiedade • Medo do sofrimento 	(01)	Quem já sofreu pela perda de controle, o que fez ou está fazendo para ter domínio próprio?

Estratégias de Enfrentamento apresentadas pela Comunidade

<p>(1) N trouxe a necessidade de estabelecer regras e limites que ele mesmo definiu. Respeitar a sua idade (40 anos). E não participar de grupos que podem o levar a queda.</p> <p>(2) C contou que ao sair da prisão, teve uma recaída que a levou a ter uma alucinação, por medo de morrer usou a fé, pedindo a Deus uma saída e prometendo não mais usar pedra. Hoje está trabalhando e limpa. Ela e o amigo Daniel, quando se veem em suma situação de perda de controle para a bebida, buscam apoio dos amigos próximos, para guardarem os documentos e pedirem Uber para irem pra casa.</p> <p>(3) M relata que sua virada de chave, diante do crack, foi ter pego dinheiro da mãe e no uso alucinou que a mãe o via usando drogas com o dinheiro roubado, sentiu culpa e resolveu mudar sua postura diante da droga.</p>

Processamento: O que os participantes levam da TCI

Aprendizado. Possibilidade de falar, soltar, por para fora. Alívio. Tira a preocupação. Sem julgar
--

ENCONTRO 3 * 15/05/2023

Integrantes da Equipe:

Nome	Etapa da terapia Comunitária desenvolvida
Maria Fernanda T Costa	Observação
Marlete Bonfim Lima	Acolhimento / Aquecimento / Escolha do Tema / Contextualização / Colheita / Encerramento

Localização:

Local e endereço da TC	Data	Horário
Pão do Povo da Rua	15/05/2023	15h00 às 16h20
Rua Dr. Pedro Arbues 147		

Participantes

Número total de participantes	Número de participantes novatos	Faixa etária
8	0	21 a 62 anos

Celebrações

Alguém tem um motivo para celebrar?	Curei do resfriado, fiz o professor chorar, consegui ajudar muita gente, montando pias, colaborando para o coletivo, provei que tudo isso dá certo, o pão ensacado salvou minha vida, eu faço bem para mim e faço bem para o projeto também, ter um cuidado e poder se cuidar (apesar de ter ficado doente), no dia das mães recebi uma dedicatória linda, a gente vai viajar para Roma, importante comemorar os projetos saindo do papel.
-------------------------------------	--

Temas / Mote

Temas apresentados	Tema escolhido	Mote
<ul style="list-style-type: none"> • Frustração • Tristeza por ser enganada • Desespero por dor intensa 	(01)	“Você que se identificou com essa questão de frustração, por não ter seu direito ou informação adequada, o que você fez ou o que você está fazendo para lidar com isso de forma adequada para você?”

Estratégias de Enfrentamento apresentadas pela Comunidade

<ol style="list-style-type: none"> (1) J trouxe que depende da situação em que se encontra, se tratado com respeito, age com respeito, se for desrespeitada “arma um barraco” para ser atendida logo. (2) N furou uma fila de banco fingindo ser doente mental, ainda não usa de honestidade se percebe que não vai ser atendido rápido. (3) B foi resolver em outro lugar seu problema, mas voltou para mostrar a solução para a pessoa que não o tinha atendido e sua assertividade o deixou em paz. (4) M trouxe a história da amiga que chorou na fila para agendar exame, o quanto isso a fez pensar na sinceridade do sentimento, como recurso diante de uma situação de não respeito ao direito de bom atendimento. (5) F contou sobre não ceder a um abuso na cobrança de Zona Azul para o guardador de rua. Conhecendo seus direitos e deveres usou o app.
--

Processamento: O que os participantes levam da TCI

Momento, risadas, entendimento, flexibilidade, a diferença nos modos de agir, ganhou em dignidade. Os versos da música “viver é afinar o instrumento: de dentro pra fora e de fora pra dentro”
--

ENCONTRO 4 * 22/05/2023

Integrantes da Equipe:

Nome	Etapa da terapia Comunitária desenvolvida
Maria Fernanda T Costa	Observação
Marlete Bonfim Lima	Acolhimento / Aquecimento / Escolha do Tema / Contextualização / Colheita / Encerramento

Localização:

Local e endereço da TC	Data	Horário
Pão do Povo da Rua	22/05/2023	15h00 às 16h20
Rua Dr. Pedro Arbues 147		

Participantes

Número total de participantes	Número de participantes novatos	Faixa etária
11	1	21 a 62 anos

Celebrações:

Alguém tem um motivo para celebrar?	Descobriu que não precisava pagar o passaporte novamente. Saiu para comer pizza com amigo: curtimos e não discutimos, tivemos uma aula de pizza, me senti realizado, depois fui convidado para fazer pizza com o pessoal da igreja, o professor topou! Todo mundo ficou feliz.
-------------------------------------	--

Temas / Mote

Temas apresentados	Tema escolhido	Mote
<ul style="list-style-type: none"> • Impotência diante da má escolha do outro • Medo diante do desconhecido • Preocupação por não saber como ajudar o outro 	(1)	“Quem já viveu uma situação de impotência, a sensação de que não vai dar conta, de querer fazer algo pelo outro ou por você e não conseguir, o que você fez ou está fazendo para mudar essa situação?”

Estratégias de Enfrentamento apresentadas pela Comunidade

<p>(1) M: Estou me conhecendo, consigo não me culpar, com ajuda da terapia, entendi e aceitei meus limites.</p> <p>(2) A: Tomei uma decisão, todo dia tenho uma luta diferente.</p> <p>(3) N: Me conhecer, me colocar regras e limites. Saber a hora de parar. Mudar de atividade, descarregar em outra coisa. Ir dormir. Ter recaídas e recomeçar</p> <p>(4) N: Aluguei meu ouvido, ajudando outra pessoa através da escuta generosa, sem julgar, entendendo que outra pessoa passa o mesmo que eu, também me vejo na situação semelhante e evito situações difíceis, me respeito indo dormir e me conhecendo dia a dia</p> <p>(5) B: procura não seguir o caminho do outro e usa o esporte que ajuda muito</p>
--

Processamento: O que os participantes levam da TCI

Conhecimento, descobrindo algumas coisas, certeza de que só depende de cada um, nossas decisões, me senti melhor, levando a amizade, a gente ter pessoas com quem falar, sozinho é muito difícil, a força do grupo, a história de vocês, a luta por algo melhor, gratidão.
--

ENCONTRO 5 * 29/05/2023

Integrantes da Equipe:

Nome	Etapa da terapia Comunitária desenvolvida
Maria Fernanda T Costa	Observação / Encerramento
Marlete Bonfim Lima	Acolhimento / Aquecimento / Escolha do Tema / Contextualização / Colheita

Localização:

Local e endereço da TC	Data	Horário
Pão do Povo da Rua	29/05/2023	15h00 às 16h20
Rua Dr. Pedro Arbues 147		

Participantes

Número total de participantes	Número de participantes novatos	Faixa etária
7	2	21 a 62 anos

Celebrações:

Alguém tem um motivo para celebrar?	Celebro a companhia do meu cachorro; o filho que está tocando numa banda de metal
-------------------------------------	---

Temas / Mote

Temas apresentados	Tema escolhido	Mote
<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação financeira para viver bem agora e no futuro • Ansiedade 	Ansiedade	Quem já viveu uma situação de ansiedade e o que fez ou está fazendo para lidar com isso?

Estratégias de Enfrentamento apresentadas pela Comunidade

<p>(1) L: Eu queria fazer muita coisa ao mesmo tempo, eu sou chefe de família, teve uma época que eu tinha muita conta para pagar. Eu parei e comecei a fazer curso de meditação. Achei que não ia resolver. Aí aprendi a parar para respirar. Comecei a breçar os pensamentos. Hoje em dia eu penso: está na minha alçada? Posso resolver? Se não, não vou me preocupar, vou fazer algo que faça bem pra mim.</p> <p>(2) T: eu faço terapia, é bom porque quando eu falo para alguém dilui a emoção. E também porque eu me distancio, consigo ver a situação com outra perspectiva.</p>
--

Processamento: O que os participantes levam da TCI

Conhecimento, aprendizado. Apoio. Coragem. Experiência, poder aprender com o outro. Aprendi com eles sobre o pessoal de rua.
--